



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
Faculdade de Ciência da Informação  
Curso de Graduação em Biblioteconomia

BIBLIOTECAS PARTICULARES:  
ORIENTAÇÕES PARA SUA ORGANIZAÇÃO

Khalil Lessa

Orientador: Prof. Dr. Rita de Cássia do Vale Caribé

Brasília  
Ano 2018

Khalil Lessa

**BIBLIOTECAS PARTICULARES:  
ORIENTAÇÕES PARA SUA ORGANIZAÇÃO**

Monografia apresentada como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília

Orientador: Prof. Dr. Rita de Cássia do Vale Caribé

Brasília  
Ano 2018

L638b

LESSA, Khalil André.

Biblioteca particular: orientações para sua organização / Khalil André Lessa. – Brasília, 2018.

68 f.

Orientação: Prof. Dr. Rita de Cássia do Vale Caribé

Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Curso de Biblioteconomia, 2018.

Inclui bibliografia

1. Biblioteca particular. 2. Desenvolvimento de coleções. I. Título. II. Lessa, Khalil André.

CDU 027.1



**Título: Bibliotecas particulares: orientações para sua organização.**

**Aluno: Khalil André Lessa de Souza.**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 05 de março de 2018.

*Rita de Cássia do Vale Caribé*

**Rita de Cássia do Vale Caribé - Orientadora**

Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)  
Doutora em Ciência da Informação

*Dulce Maria Baptista*

**Dulce Maria Baptista – Membro**

Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)  
Doutora em Ciência da Informação

*Maria Alice Bianchi*

**Maria Alice Bianchi – Membro externo**

Mestre em Ciência da Informação  
Bibliotecária do STF

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por Tua bondade em tornar cada momento e pessoa em minha vida possível.

A minha mãe, Aramita Aparecida Lessa, por todo amor, carinho e dedicação em minha criação. Obrigado por fazer dos meus sonhos os seus, prometo fazer dos seus os meus a partir de agora. Obrigado pela sabedoria com a qual me criou, sem ela não seria a metade da pessoa que sou hoje. A minha vó, Aramita Rodrigues Lessa, vulgo Dona Xuxu, por sempre me orientar, ajudar, cuidar, entender e amar incondicionalmente. Sua garra trouxe nossa família até aqui, sou parte da sua história. Ao meu pai, André Luiz Silva de Souza, por produzir momentos únicos na minha vida, me fazendo assimilar cada vez melhor o mundo e me mostrando a felicidade na simplicidade. A minha vó, Maria das Mercês, pelo carinho e hospitalidade durante toda minha vida, admiro sua força e resiliência durante sua história. A minha madrinha, Tatiana Souza Neto, por todo o amparo familiar durante minha trajetória escolar e acadêmica apesar de tudo, espero um dia poder retribuir. Por fim, a todos os meus familiares que participaram de alguma maneira da minha formação como pessoa.

A minha amiga, companheira e namorada, Djane Victória Pessoa, pelo amor e carinho, por me valorizar como pessoa e me engrandecer como acadêmico; aprendi e aprendo muito com você e espero ter humildemente te ensinado algo. Ao meu companheiro de curso Ytallo Sousa pelas alegrias, conversas, debates, brincadeiras, risadas, matérias, estudos, ensinamentos, caronas... Não sei se conseguiria chegar até aqui sem você, irmão. Ao meu amigo Matheus Valadão por sua amizade pura e sincera, cada momento com você aprendo a ser mais verdadeiro e tenho mais certeza que seremos amigos para sempre.

A minha professora Rita Caribé pela inspiração e incentivo na produção deste trabalho. Espero que nossa convivência se estenda e eu possa aprender cada vez mais com a senhora. A valiosa contribuição da banca examinadora formada pela professora Dulce Maria Baptista e pela especialista Maria Alice Bianchi; obrigado por me doarem um pouco do seu tempo. A minha entrevistada, Marina Grande, que gentilmente me permitiu acesso aos seus conhecimentos e me demonstrou uma realidade profissional nova, ampliando meus horizontes e me inspirando a ser um bom profissional. Amplio este agradecimento a todos os professores diretos ou indiretos que possuí na minha trajetória, no Colégio Militar D. Pedro II e na Universidade de Brasília; seus conhecimentos me formaram e formam diversos alunos. Obrigado por construírem o futuro do nosso país.

Serei eternamente grato a todos.

“Todo trabalho é vazio, exceto quando há amor”

Gibran Khalil Gibran

LESSA, Khalil André. **Bibliotecas particulares**: orientações para sua organização. Brasília, 2018. 68 f. Monografia (grau de Bacharel em Biblioteconomia) – Universidade de Brasília – Faculdade de Ciência da Informação.

## RESUMO

Estudo sobre a real definição do termo *biblioteca particular*, em seu sentido restrito, relacionando a definição atual com os perfis que a biblioteca particular teve ao longo do tempo. Tem como objetivo definir diretrizes para a formação de uma biblioteca particular, a partir de observação participante, com experiência prática na primeira fase de desenvolvimento da Biblioteca Terrie Groth, pertencente ao professor de Ciência Política na Universidade de Brasília Terrie Ralph Groth.

**Palavras-chave:** Biblioteca particular; Desenvolvimento de coleções; Organização de bibliotecas.

## **ABSTRACT**

Study about the real definition of the term *private library*, in its narrow sense, and as related to current and past definitions. It aims to create guidelines for the formation of a private library, by means of participant observation, with practical experience in the first phase of development of the Terrie Groth Library, belonging to the professor of Political Science at the University of Brasília Terrie Ralph Groth.

Keywords: Private Libraries; Collection development.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Pesquisa na base de dados LISA com o termo <i>private libraries</i> .....	17
Figura 2 – Pesquisa realizada na base de dados LISA com o termo <i>personal libraries</i> .....	18
Figura 3 – Pesquisa realizada na base de dados LISA com operadores booleanos entre os termos <i>Private libraries and Personal libraries</i> .....	19
Figura 4 - Pesquisa na base de dados LISA com operadores booleanos nos termos <i>Private libraries and library history</i> .....	20
Figura 5 - Pesquisa na base de dados LISA com operadores booleanos entre os termos <i>private libraries and special libraries</i> .....	21
Figura 6 - Pesquisa na base de dados LISA com operadores booleanos nos termos <i>Private libraries and book collection</i> .....	22
Figura 7 - Domínios possíveis da aplicação da análise de conteúdo.....	36
Figura 8 - Tipologia de organização de bibliotecas particulares.....	50

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD	Base de Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
BRAPCI	Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
DOAJ	<i>Directory of Open Access Journals</i>
EBSCO	<i>EBSCO Information Services</i>
FCI	Faculdade de Ciência da Informação
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IPOL	Instituto de Ciência Política
LISA	<i>Library and Information Science Abstracts</i>
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
STF	Supremo Tribunal Federal
UnB	Universidade de Brasília
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO E O REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>13</b>
2.1	DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E JUSTIFICATIVA .....	13
2.2	OBJETIVOS DA PESQUISA .....	14
2.2.1	Objetivo geral .....	14
2.2.2	Objetivos específicos .....	15
2.3	DELIMITAÇÃO DO ESTUDO .....	15
<b>3</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>16</b>
3.1	BIBLIOTECA PARTICULAR .....	22
3.1.1	Histórico das bibliotecas particulares .....	24
3.1.2	Bibliofilia x Coleccionismo .....	25
3.1.3	Particular x Público.....	27
3.2	BIBLIOTECA ESPECIALIZADA.....	29
3.3	DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES .....	31
<b>4</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>34</b>
<b>5</b>	<b>DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS .....</b>	<b>38</b>
5.1	ENTREVISTA.....	38
5.1.1	Foco no usuário/proprietário .....	38
5.1.2	Perfil do proprietário.....	40
5.1.3	Passo a passo da organização do acervo .....	40
5.1.4	Informatização do acervo.....	42
5.1.5	Estimativa de tempo de serviço .....	43
5.1.6	Biblioteconomia x Prestação de Serviço.....	43
5.2	OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE.....	44
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>47</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>52</b>
	<b>APÊNDICE.....</b>	<b>55</b>
	APÊNDICE A – Questionário utilizado na entrevista com especialista .....	55
	<b>ANEXO.....</b>	<b>56</b>
	ANEXO A – Entrevista com a especialista Marina Grande .....	56
	ANEXO B – Entrevista com a bibliotecária Maria Alice Bianchi.....	63

## 1 INTRODUÇÃO

As bibliotecas particulares, como uma unidade de informação, demandam um serviço de tratamento da informação especializado. Com isso, a organização de acervos particulares se apresenta como um dos campos possíveis da ciência da informação, mais precisamente da biblioteconomia, próprio para essa modalidade de acervo. Assim sendo, seus métodos e técnicas são ferramentas importantes para o desenvolvimento de uma coleção particular, tendo em vista que essas ferramentas são necessárias e inerentes ao processo.

De forma geral, a organização de acervos particulares é uma atividade que busca adequar as necessidades do usuário em relação ao seu acervo. Nesse contexto, o profissional da informação precisa personalizar o serviço e adaptar sua metodologia de trabalho para desenvolver essa categoria de biblioteca da melhor maneira possível, tornando-a um recurso informacional relevante.

Foi a partir de uma situação real, de necessidade de organização documental que o Dr. Terrie Groth, professor de Ciência Política na Universidade de Brasília (UnB), buscou a Faculdade de Ciência da Informação (FCI), especificamente o curso de Biblioteconomia com o objetivo de organizar o seu acervo particular.

A metodologia adotada neste estudo foi uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória; com análise da literatura acerca do tema servindo-se, principalmente, dos estudos como os de Bezerra e Silva (2008), Caribé (2011; 2013; 2017), Pinheiro (2017) e Velloso (2008). Utiliza-se de entrevista informal semiestruturada, focalizada, com posterior degravação, submetida à análise de conteúdo. Vale-se da observação participante, com as etapas descritiva e focal, para maior inserção na prática da organização de acervos particulares.

Este trabalho estrutura-se em quatro capítulos, além do capítulo de considerações finais. Apresenta, primeiramente, o problema e a justificativa da pesquisa, juntamente com o objetivo geral e os específicos. Em seguida, apresenta a revisão de literatura com as principais bases de dados utilizadas, conceituação e contextualização dos temas relativos à organização de biblioteca particular. Posteriormente, apresenta os procedimentos metodológicos. Na coleta e análise de dados a partir da análise de conteúdo sobre os textos provenientes da degravação das entrevistas, seguidamente da observação participante.

## **2 CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO E O REFERENCIAL TEÓRICO**

Essa seção apresenta a definição do problema da presente pesquisa e sua justificativa e posteriormente o objetivo geral e os específicos os quais a pesquisa pretende atingir.

### **2.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E JUSTIFICATIVA**

As bibliotecas particulares se constituem em um campo de pesquisa que pode revelar tanto o perfil intelectual de seu leitor ou dono, como a formação mental de uma determinada época, conforme afirma Casarin (2002, p. 39). Devido a estas características, a sua forma de organização e os serviços e produtos derivados podem variar de acordo com as características do proprietário.

Na maioria dos casos, o desenvolvimento de uma biblioteca particular nasce a partir da coleta, ao longo do tempo, de documentos de acordo com uma motivação específica, que após se constituir em um grande volume de materiais, percebe-se a necessidade de organizá-los de forma que o seu proprietário possa localizar os documentos que necessita.

Dentre as várias realidades de colecionadores, observa-se que, ao longo da história, existiram e existem bibliotecas cujos proprietários são ou foram: reis, grandes senhores, intelectuais, colecionadores de livros ou bibliófilos. “No que se referem [sic] às bibliotecas particulares, as primeiras que apresentaram esse caráter foram criadas por determinadas pessoas que visavam reunir todo um acervo que atendesse às suas necessidades específicas.” (BEZERRA; SILVA, 2008, p. 4). Podem-se incluir nesta tipologia as bibliotecas particulares, as bibliotecas de professores e pesquisadores que vão construindo uma coleção a partir de seus interesses pessoais, das suas atividades acadêmicas e das pesquisas que desenvolvem.

Consequente às análises quanto à iniciativa de desenvolver um acervo particular de documentos, outro grande problema enfrentado por aqueles que iniciam esse processo é o espaço físico. Dependendo do volume de materiais e do nível de conhecimento das metodologias de tratamento da informação que seus possuidores têm, eles necessitam de ajuda.

Observa-se que:

Geralmente estas bibliotecas (particulares) são mantidas em residências particulares e são organizadas por pessoas que não têm nenhum conhecimento na área de Biblioteconomia. Porém, alguns desses colecionadores, dependendo do tamanho da sua biblioteca, necessitam de profissionais em Biblioteconomia para fazer os serviços técnicos. (BEZERRA; SILVA, 2008).

Para uma melhor compreensão dos serviços e produtos resultantes desta modalidade de acervo, faz-se necessário um entendimento de quais seriam os processos e pensamentos relativos à organização de um acervo particular e como essa organização acontece na prática, uma vez que a exemplificação e orientação das atividades auxiliam nesse tipo de serviço.

Esta pesquisa nasceu a partir de uma demanda específica, de organização do acervo particular do Prof. Dr. Terry Groth. Logo no início do processo foi identificada a dificuldade em encontrar, na literatura acadêmica, diretrizes ou orientações para se desenvolver e/ou organizar uma biblioteca particular desde seu início.

Assim, o estudo de bibliotecas particulares se faz necessário, e impulsiona esta pesquisa, diante da necessidade de identificar orientações ou diretrizes que possam subsidiar quanto à escolha de metodologia de tratamento da informação, visto que cada biblioteca particular reflete a memória, personalidade e cultura de seus donos, e foram desenvolvidas de acordo com uma necessidade ou motivação e, portanto, deve possibilitar serviços e produtos diferenciados.

Este trabalho contribui para as pesquisas relacionadas à gestão documental da biblioteca particular. Destina-se aos estudantes e profissionais da informação que pretendem organizar seu próprio acervo ou desejam trabalhar na área de desenvolvimento de acervos particulares de terceiros. Assim, pergunta-se: *Quais são as diretrizes ou orientações a serem adotadas para o planejamento da organização de bibliotecas particulares?*

## **2.2 OBJETIVOS DA PESQUISA**

### **2.2.1 Objetivo geral**

- Identificar diretrizes para organização de bibliotecas particulares.

### **2.2.2 Objetivos específicos**

- Analisar a terminologia utilizada para identificar o termo biblioteca particular, buscando a sua definição;
- Analisar o processo de descrição do objeto informacional em uma biblioteca particular;
- Analisar a organização dos objetos informacionais e os serviços e produtos a serem oferecidos.

### **2.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO**

Esta pesquisa tem abrangência e aplicabilidade ampla, pois busca orientações a partir da literatura especializada na área, bem como propor diretrizes a serem adotadas na organização de bibliotecas particulares. Entretanto, teve como campo de estudo uma Biblioteca Particular específica, denominada Biblioteca Terrie Groth.

Apesar das definições dos termos “usuário”, “proprietário” e “cliente” serem distintas, para efeito deste trabalho os termos serão considerados sinônimos, uma vez que o proprietário do acervo é usuário do mesmo e cliente do profissional da informação no momento do serviço.

A escolha desta Biblioteca se deu por ser uma biblioteca particular, que está situada na Universidade de Brasília, mais precisamente no Instituto de Ciência Política (IPOL), de propriedade de um professor, que tem o objetivo de ser um instrumento de apoio às suas atividades de pesquisa e possivelmente, no futuro, apoio a pesquisas de alunos da pós-graduação e professores universitários do departamento, ou seja, de acesso acadêmico.

### 3 REVISÃO DE LITERATURA

As principais bases de dados utilizadas neste estudo são três ambientes de pesquisa acadêmica de acesso livre e uma de acesso restrito.

As bases utilizadas de acesso livre foram: BDTD, Base de Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), que permite busca em bibliotecas digitais de teses e dissertações de mais de 90 instituições de ensino superior e pesquisa brasileiras; A Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), que recupera artigos de mais de 56 periódicos brasileiros da área; no *Directory of Open Access Journals* (DOAJ), diretório de revistas de vários temas disponíveis de forma gratuita na Internet, que reúne quase 5000 títulos, em diferentes idiomas; e na *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), uma coleção multidisciplinar de revistas científicas e livros do Brasil, Chile, Cuba, Espanha, Venezuela e outros países da América Latina e Europa.

A base de dados de pesquisa científica de acesso restrito utilizada foi a *Library and Information Science Abstracts* (LISA), pertencente à ProQuest, uma plataforma contendo artigos de periódicos, dissertações, teses e outros. Essa base de dados foi utilizada para a subsequente análise de pesquisa de termos e produção científica acerca do tema. Os dados foram obtidos em pesquisas realizadas no período de 12 a 25 de novembro de 2017.

Utilizando-se de uma estratégia de busca mais abrangente, partindo dos termos gerais para os termos específicos, primeiramente foi inserido especificamente o termo “*Private Libraries*”, equivalente na língua inglesa ao termo “Biblioteca Particular”.



A Figura 2 apresenta o resultado da pesquisa realizada na mesma base de dados, com o termo *personal libraries*. O sistema recuperou 139 artigos, publicados entre 1974 e 2017.

**Figura 2 – Pesquisa realizada na base de dados LISA com o termo *personal libraries***



Fonte: resultado de pesquisa na LISA

A Figura 3 apresenta o resultado de nova pesquisa realizada na base LISA, utilizando-se operadores booleanos para a combinação dos termos *private libraries* e *personal libraries*, pois se observou que, em inglês, ambos os termos são utilizados na terminologia da Ciência da Informação. Foram recuperados 65 artigos de periódicos acadêmicos, entre 1974 e 1991.

**Figura 3 – Pesquisa realizada na base de dados LISA com operadores booleanos entre os termos *Private libraries and Personal libraries***



Fonte: resultado de pesquisa na LISA

Os operadores lógicos booleanos definem relações entre termos de uma determinada pesquisa. São eles *and*, *or* e *not*. São utilizados para criar uma pesquisa genérica ou limitada (EBSCO, 2017, p. n.p). Buscando essa especificidade na pesquisa, o termo "*private libraries*" com o operador *and* e o termo "*library history*" foram combinados, com o objetivo de buscar na base de dados acerca da história da modalidade biblioteca particular, ou seja, documentos que contenham os dois assuntos. Conforme apresentado na Figura 4, percebe-se que nos três últimos anos a pesquisa acerca dos temas foi maior. Foram recuperados 21 artigos de periódicos acadêmicos entre 2006 e 2015.

**Figura 4 - Pesquisa na base de dados LISA com operadores booleanos nos termos *Private libraries and library history***



Fonte: resultado de pesquisa na LISA

Observa-se, na figura 5, que em pesquisa realizada na base de dados LISA utilizando-se operadores booleanos entre os termos *private libraries* e *special libraries*, foram recuperados 70 artigos de periódicos acadêmicos, referentes ao período compreendido entre 1973 e 2015.

**Figura 5 - Pesquisa na base de dados LISA com operadores booleanos entre os termos *private libraries and special libraries***



Fonte: resultado de pesquisa na LISA

Ao realizar a pesquisa na base de dados LISA utilizando os termos *private libraries* e *book collection*, ou seja, coleção de livros, obteve-se como resultado 39 artigos de periódicos, publicados entre 1996 e 2014, conforme se pode observar na Figura 6.

**Figura 6 - Pesquisa na base de dados LISA com operadores booleanos nos termos *Private libraries and book collection***



Fonte: resultado de pesquisa na LISA

Apesar dos problemas encontrados no momento da pesquisa em relação à literalidade dos termos de busca, o que realmente se encontra na literatura é a equivalência do termo “*Private Libraries*” ao termo em português “Biblioteca Particular” como indicado por Jurasek (1987, p. 102).

### 3.1 BIBLIOTECA PARTICULAR

Para Velloso (2008, p. 34) uma biblioteca é “toda coleção de livros organizada de alguma forma, não importa o método usado para essa organização”. Ao mesmo tempo em que Milanesi (2002, p. 12) enxerga a biblioteca através da “existência de alguma forma de organização, que permita encontrar o que se deseja, mesmo que só o proprietário, ou poucos, tenham êxito nessa busca”. Logo:

Uma biblioteca pode ser definida, de forma bem sintética, como uma unidade social, estruturada para atender às necessidades de informação de uma determinada clientela. Para isso, são organizados conjuntos de objetos informacionais de forma a possibilitar a sua recuperação e disseminação para

atender às demandas efetivas e potenciais dessa clientela. (CARIBÉ, 2017, p. 192).

O *Glossário da Biblioteca e Ciência da Informação*, produzido pela American Library Association (1983, p. 177, tradução nossa), define a biblioteca particular como uma biblioteca não financiada por tributação, especialmente uma biblioteca pertencente a um indivíduo.

Nesse caso, o proprietário do acervo é também o usuário, embora ele próprio tenha investido recursos (tempo e dinheiro) para desenvolver seu acervo de acordo com suas características e necessidades informacionais presentes e futuras. Pode também, ter adquirido um determinado documento por prazer de possuir uma obra clássica de determinada área.

Observa-se que quem detém essa modalidade de coleção não só possui os livros, como delimita sua história e a repassa no decurso do tempo. Velloso (2008, p. 2) observa que “a biblioteca funciona como espaço de acumulação de memória e os livros, por sua vez, cumprem o papel de transmissores dessa memória através dos séculos”.

As bibliotecas particulares nada mais são do que a atenção se convertendo em necessidade e esforço para abastecer o imaginário, descobrir os segredos do mundo e dar o conhecimento ao leitor de si mesmo através do que ele lê e como se lê (MARTINS, 1994, p. 17).

Ao se estudar uma biblioteca particular, pode-se certificar, por exemplo, a presença de obras na coleção coincidentes com aquelas apontadas na literatura como sendo a referência de leitura da época; prováveis influências de determinados autores; variedade de assuntos de interesse do leitor; suas opiniões sobre o documento por meio de anotações e a reestruturação histórica da função das obras do acervo em relação à época em que viveu o leitor (JOBIM, 1999, p. 2).

Logo, “as bibliotecas particulares constituem, então, um campo profícuo de estudo que pode revelar tanto o perfil intelectual de um certo leitor, como a formação da mentalidade de uma determinada época.” (CASARIN, 2002, p. 39).

Portanto, a biblioteca particular pode ser entendida como uma unidade informacional pertencente a uma pessoa, cujo acervo foi sendo construído ao longo do tempo e representa o perfil intelectual de seu usuário/proprietário. Este acervo pode ter sido construído para atender a uma necessidade informacional específica, como apoio as atividades de ensino ou pesquisa,

bem como o exercício profissional. Outra opção, o acervo pode ter sido adquirido devido a uma característica específica dos documentos tais como edição, encadernação, autor etc., e não para atender necessariamente a uma demanda informacional, evidenciando o colecionismo, bibliofilia ou bibliomania. Dada essa característica sua organização será específica e exclusiva, com assunto especializado, contendo apenas um conjunto de assuntos peculiares voltados, na maioria dos casos, para o apoio às atividades profissionais e/ou acadêmicas de seu dono.

### **3.1.1 Histórico das bibliotecas particulares**

Segundo Martins (1994, p. 77), grande parte das bibliotecas gregas pertenciam a particulares como é o caso das bibliotecas de Eurípides, Teofrasto e Aristóteles. A primeira biblioteca particular, antes de Alexandria, foi a biblioteca de Aristóteles que foi criada, em primeira parte, graças ao significativo subsídio de Alexandre.

O conceito de biblioteca particular sempre esteve ligado ao status social do proprietário. Shafique, Rehman e Mukhtar (2011, p. 1, tradução nossa) observaram que, na antiguidade, os governantes detinham e regulavam o conhecimento para consolidar o poder social, religioso, cultural e político. Suas bibliotecas particulares serviam como arquivos que continham documentos relativos às famílias reais, árvores genealógicas, registros médicos particulares, histórico militar e outros registros pessoais de reis ou governantes. Eles ratificam que, até o século XIX, praticamente todas as bibliotecas eram particulares, pertenciam a reis e outros indivíduos, bem como existiam as bibliotecas dos templos ou instituições. Porém, na maior parte dos casos o acesso estava restrito à nobreza, aristocracia, estudiosos e sacerdotes, ou seja, a determinados grupos sociais.

O acesso às informações para o cidadão se tornou possível após a invenção da prensa de tipos móveis de Gutenberg, possibilitando assim, que os indivíduos desenvolvessem suas próprias coleções. O conceito de biblioteca particular é amplamente aplicado à coleção pessoal de qualquer indivíduo, independentemente do tamanho, podendo incluir uma variedade de materiais pessoais ou de propriedade do indivíduo tais como livros, cartas, diários, fotos, blogs (FERINGTON, 2002; PRIVATE LIBRARIES ASSOCIATION, 2007 *apud* SHAFIQUE; REHMAN; MUKHTAR, 2011).

Em meados do século XIII, os livros das faculdades não estavam reunidos em uma biblioteca, eles estavam distribuídos entre os professores que os utilizavam em suas atividades de ensino. Somente quando os professores viajavam é que os livros ficavam armazenados em arcas e ali ficavam à disposição de todos (BATTLES, 2003). Neste caso específico, a literatura não esclarece se os livros eram de propriedade da biblioteca que os disponibilizava para os professores numa espécie de empréstimo permanente ou se eram adquiridos pelos próprios professores, portanto de sua propriedade.

### 3.1.2 Bibliofilia x Coleccionismo

A origem das bibliotecas particulares está inserida no contexto histórico do colecionismo e mais especificamente no contexto histórico da bibliofilia.

Por definição, o colecionismo se distingue da simples acumulação, apesar de ambos serem a reunião de um número de objetos. São termos que possuem significados diferentes, já que a acumulação não se preocupa com a exposição dos itens, se preocupando na verdade com o seu valor econômico; ao mesmo tempo em que a coleção está em permanente elaboração, eternamente inacabada. Podem ser divididas em coleções particulares e coleções de museus (BAUDRILLARD, 1968, p.112 apud VIAL, 2009, p. 12).

Dentre suas funções:

[...] podem ser formadas para serem fontes de prazer estético, para possibilitar a aquisição de conhecimentos históricos ou científicos, mas estão sempre diretamente ligadas ao gosto e às escolhas do colecionador. Dessa forma, cada momento histórico expressa de uma maneira diferente a necessidade de colecionar, de acordo com as características sociais e históricas do momento. (CLIFFORD, 1988, p. 217 apud VIAL, 2009, p. 13).

Assim sendo, como um dos colecionismos possíveis, nasce a bibliofilia. Reifschneider (2011, p. 69) revela que:

Em plena idade medieval, Ricardo de Bury escreveu seu famoso, *Philobiblion* [...]. Nele, são tratadas questões comuns ao bibliófilo de hoje, como posse e valor de obras, além de questões hoje dificilmente compreensíveis, como guerras sangrentas por cópias de exemplares [...] (REIFSCHNEIDER, 2011, p. 69).

O autor ainda observa que, na Europa:

[...] a bibliofilia, não só como fato, mas como objeto de estudo, existe há séculos. Basta dizer que já em 1761 o ensaísta Bollioud-Mermet escreve um ataque aos bibliófilos de sua época. Segundo o prefaciador da edição americana de 1894, Alphonse Duprat, o ensaísta tornara-se filisteu e atacara a bibliofilia por ter sido bibliófilo e não conseguir mais comprar as preciosas obras que estavam sendo editadas. [...] Na Inglaterra, a primeira figura a se fazer conhecida é Thomas Frognal Dibdin, bibliógrafo popular entre colecionadores por sua série de ensaios dedicados à bibliofilia, o primeiro deles, de 1809, o intitulado *Bibliomania*. Na França temos figuras de igual ou maior importância, como Jacques-Charles Brunet, Edouard Rouveyre e Octave Uzanne. (REIFSCHNEIDER, 2011, p. 66-67).

Portanto, vê-se que o termo passou a ser utilizado e estudado posteriormente; anuários, revistas e publicações cresceram no século XIX sobre bibliofilia (REIFSCHNEIDER, 2011, p. 68).

O termo bibliofilia tem sua origem no grego *biblion* – livro e *philia* – amor (WEINFUTER, 2017), ou seja, amor pelos livros. Consiste em colecionar livros de acordo com algumas características ligadas à sua publicação. O bibliófilo pode ser entendido como aquele indivíduo que costuma ler com muita frequência, porém não necessariamente precisa possuir os livros. Diferente da bibliomania que consiste na compra de livros sem necessariamente lê-los.

No dicionário de língua portuguesa (HOUAISS, 2001, p. 443) o termo bibliofilia é definido como “amor aos livros, especialmente aos raros e preciosos ou de valor cultural”, ou em dicionário especializado (MERRIAN-WEBSTER, 2009), amor pelos livros e em especial pelas qualidades de seus formatos.

Os bibliófilos possuem a característica de adquirir livros por determinadas peculiaridades, como “raridade, condição (estado físico do livro), primeiras edições, e outras características como erratas e autógrafos, inscrições, marginália, *ex-libris* e o quanto é procurado.” (COSTA, 2009, p. 18). Já no caso dos bibliomaníacos há a compra impulsiva de livros, sem critério, culminando na acumulação de material bibliográfico (COSTA, 2009).

Costa (2009, p. 22-23) faz uma diferenciação entre o bibliófilo e o bibliomaníaco:

[...] o primeiro é sempre o puro de coração, tomado de um amor pelos seus livros, o que faz com que cuide deles como se fossem o maior tesouro do mundo, pela sua raridade, beleza, encadernação, pelo seu conteúdo etc., enquanto que o segundo é sempre visto como um indivíduo tomado pelo desejo incontrolável de possuir livros

e mais livros, mas sem se importar em lê-los ou absorver algum conhecimento, em alguns casos tomados por ansiedade ou como um distúrbio mental.

Raabe (2001, p. 68 apud COSTA, 2009, p. 26) aponta a motivação como a principal diferença entre a bibliofilia e a bibliomania. Enquanto a bibliomania não vê limite na acumulação dos livros, a bibliofilia acumula por apreço e conhecimento. Os bibliómanos se importam com a quantidade e os bibliófilos com a qualidade, importância e valor do livro.

Como indica Perarson (1997, p. 522 apud COSTA, 2009, p. 50-51). “a bibliofilia atuou como um importante papel no desenvolvimento de coleções particulares – pelo desejo de colecionar não somente por necessidades práticas, mas devido aos livros serem objetos desejáveis e interessantes”. Costa (2009) aponta a diferença entre essas coleções particulares e as bibliotecas tradicionais, por não possuírem uma política própria de aquisição e desenvolvimento, demonstrando que muitas vezes essas coleções são adquiridas por bibliotecas públicas ou universitárias possuindo lugar de destaque ou iniciando a biblioteca.

O bibliófilo, para desenvolver melhor seu amor pelos livros, precisava necessariamente de uma indústria de livros bem estabelecida, para o colecionador ter o que colecionar; no Brasil a impressão de livros evoluiu fortemente em meados do século XIX, depois de 1808 (REIFSCHNEIDER, 2011, p. 83).

Reifschneider (2011, p. 84) identifica os mais antigos bibliófilos no Brasil, são eles “D. Pedro II (1825-1891), Francisco Ramos Paz (1838-1919), Salvador de Menezes Drummond Furtado de Mendonça (1841-1913) e José Carlos Rodrigues (1844-1923)”.

### 3.1.3 Particular x Público

A reflexão sobre o entendimento social do conceito dessas duas palavras, “público” e “particular”, se torna efetivo no momento em que existe uma linha tênue entre a coisa particular que deixa de atingir algo em potencial por ser exclusivo de alguém ou algo.

Recorrendo-se a dicionários observa-se que o termo *particular*, na língua portuguesa, tem um dos seus entendimentos como “*adj* 2. Próprio ou de uso exclusivo de alguém; privativo” ou “*adj* 5. Que pertence ao indivíduo, por oposição ao que é do governo”

(HOUAISS, 2009, p. 559). É um termo sinônimo de “privado” que por sua vez é antônimo de “público”.

Já o termo público é definido como “*adj* 3. relativo ou pertencente à comunidade; 4. relativo ou pertencente a um governo, estado, cidade etc.; 7. aberto a quaisquer pessoas” (HOUAISS, 2009, p. 615).

Trazendo esses termos para o âmbito da ciência da informação, a biblioteca pública pode ser entendida como aquela que tem como objetivo atender às necessidades informacionais das comunidades. São mantidas por órgão público e têm a responsabilidade de atender a “todos sem distinção de raça, nacionalidade, crença, língua ou profissão, contribuindo para o desenvolvimento do cidadão” (BEZERRA; SILVA, 2008, p. 3).

Nesse sentido, em 1994, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) divulgou as doze missões da biblioteca pública como sendo as seguintes (UNESCO, 1994, p.2):

1. Criar e fortalecer os hábitos de leitura nas crianças, desde a primeira infância;
2. Apoiar a educação individual e a auto-formação, assim como a educação formal a todos os níveis;
3. Assegurar a cada pessoa os meios para evoluir de forma criativa;
4. Estimular a imaginação e criatividade das crianças e dos jovens;
5. Promover o conhecimento sobre a herança cultural, o apreço pelas artes e pelas realizações e inovações científicas;
6. Possibilitar o acesso a todas as formas de expressão cultural das artes do espetáculo;
7. Fomentar o diálogo intercultural e a diversidade cultural;
8. Apoiar a tradição oral;
9. Assegurar o acesso dos cidadãos a todos os tipos de informação da comunidade local;
10. Proporcionar serviços de informação adequados às empresas locais, associações e grupos de interesse;

11. Facilitar o desenvolvimento da capacidade de utilizar a informação e a informática;
12. Apoiar, participar e, se necessário, criar programas e atividades de alfabetização para os diferentes grupos etários.

Diante desses conceitos observa-se que um termo é antônimo do outro, ou seja, público é antônimo de privado. O termo privado refere-se a uso próprio, exclusivo, ou seja, não está aberto ao público em geral. Por outro lado, Bezerra e Silva (2008, p. 5) defendem que uma biblioteca particular será verdadeiramente importante quando ela conseguir ser válida à população seja para aqueles que buscam uma leitura informativa, recreativa, literária ou cognitiva. Eles definem como certo “egoísmo” por parte dos donos dos acervos, quando os mesmos acabam por mantê-los para uso próprio e exclusivo. Por outro lado, é um contrassenso, diante das dificuldades encontradas por muitas pessoas em encontrar ambientes favoráveis que possam ser úteis para abastecer suas necessidades de informação.

Entretanto, se um acervo particular for disponibilizado para consulta da comunidade em geral ele, necessariamente, precisará ser organizado, ter pessoal para manter sua organização, o que demanda recursos financeiros, que muitas vezes o proprietário não possui ou não se dispõe a pagar por isso. Nesse caso, o acervo pode ser doado a uma instituição que ficará responsável por essas tarefas. Sendo assim o acervo deixa de ser particular, passando a pertencer a uma organização, sendo adquirido por meio de compra ou doação.

### **3.2 BIBLIOTECA ESPECIALIZADA**

As bibliotecas se mostram como um espaço científico e cultural que o corpo social usufrui com o intuito de ter acesso à informação científica, juntamente com os museus de ciência, exposições, planetários etc., observando-a como um espaço de divulgação científica (CARIBÉ, 2011; 2013).

Dentro da visão de uma biblioteca antropocêntrica, Henkle (1952, *apud* CARIBÉ, 2017, p. 192) define os tipos de biblioteca pela clientela a que servem e pela natureza da coleção. O serviço prestado aos clientes predomina, pois em consequência do tipo de clientela determina-se a coleção, os recursos de informação e sua estruturação, a tecnologia da informação e comunicação a ser utilizada e, em consequência, os serviços e produtos oferecidos.

Anders e Figueiredo (1964; 1978 *apud* CARIBÉ, 2017, p. 192) indicam que durante o início do século XX, pode se considerar como a origem das bibliotecas especializadas, seu crescimento se desenvolveu após a 2ª Guerra Mundial, assim como a expansão dos serviços e produtos oferecidos, acompanhando o crescimento de programas de pesquisa e desenvolvimento. Nesse período, a função principal de uma biblioteca especializada era limitada ao de um repositório, “como um local para centralizar informações, tendo ao longo do tempo emergido as funções de referência e fornecimento de informação.” (CARIBÉ, 2017, p. 192).

Hoje a biblioteca especializada é encarada como “uma unidade que se dedica à organização e disseminação de informações sobre um assunto ou grupo de assuntos em particular.” (CARIBÉ, 2017, p. 193). Definição semelhante a do dicionário de Cunha (2008, p. 51) “1. Biblioteca organizada sobre disciplinas ou áreas específicas do conhecimento”.

Outra abordagem conceitual da biblioteca especializada é “aquela que trata exclusivamente de um tipo de documento ou uma espécie particular de material, como uma biblioteca especializada em filmes” (ASHWORTH, 1967; FIGUEIREDO, 1978; HENKLE, 1952; WRIGHT, 1981 *apud* CARIBÉ, 2017, p. 194).

As bibliotecas especializadas são compostas por um acervo que visa completar as necessidades da organização à qual se encontram inseridas, apesar de incluir sempre certo número de obras sobre áreas afins ou relacionadas, conforme aponta Miranda (2007, p. 88). Essas unidades possuem características como servir à organização a qual pertencam; clientela especializada, composta por “pesquisadores e cientistas de um instituto ou centro de pesquisa, funcionários ou servidores de uma empresa ou órgão público.” Não inclui público externo. (CARIBÉ, 2017, p. 194).

Apesar da exclusividade da biblioteca especializada para um público especializado, Caribé (2017, p. 195) observa que, em algumas instituições científicas, essa realidade está se transformando, focadas em transmitir informação científica para o público leigo, por não serem usuários da biblioteca nem integrarem o corpo técnico da instituição, respaldando-se na responsabilidade socioambiental das organizações, para apoiar o desenvolvimento de atividades de disseminação da informação além dos usuários da organização propriamente dita.

Considerando a realidade demarcada da biblioteca especializada, uma biblioteca particular pode ser considerada especializada quando é analisada a partir da abrangência temática do seu acervo. Uma vez que acumula memórias e conhecimento, com um acervo que trata de um assunto ou grupo de assuntos em particular ou espécie particular de material, pertencente a uma pessoa. Deve-se ressaltar que o proprietário do acervo pode estar vinculado a um órgão, que por sua vez possui suas demandas informacionais as quais, potencialmente, esse mesmo acervo pode vir a completar as necessidades da organização na qual se encontra inserido.

### 3.3 DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES

Entende-se o termo coleção como:

Um subconjunto altamente seletivo de objetos de informação disponíveis, segregados e favorecidos, aos quais o acesso é possibilitado e aos quais a atenção do cliente/usuário é dirigida em oposição aos objetivos excluídos (ATKINSON, 1996 apud VERGUEIRO, 1997, p. 104).

Dessa maneira, o desenvolvimento de coleções pode ser interpretado como um grupo de procedimentos utilizados de maneira que possibilite o planejamento e a composição de uma coleção válida e harmoniosa de materiais para uma biblioteca por um determinado período de tempo (TARUHN, 2017, p. 8).

Lima e Figueiredo (1984, *apud* MIRANDA 2007, p. 88) agrupam bem as ideias até aqui citadas entendendo o desenvolvimento de coleções como um grupo de normas e diretrizes que buscam determinar ações, descrever estratégias gerais, estabelecer instrumentos e delimitar critérios para simplificar a tomada de decisão na composição e no desenvolvimento de uma coleção, em sintonia com os objetivos da instituição, dos diversos perfis de serviços de informação e de usuários do sistema.

Sendo assim, de uma maneira geral o desenvolvimento de coleções pode ser entendido “como um conjunto de atividades que leva a uma tomada de decisão sobre que materiais adquirir, manter ou descartar” (KLAES, 1991 apud TARUHN, 2007, p. 8). Há essa necessidade de tomada de decisão visando o controle do crescimento da coleção e o rigor na seleção, evitando assim o acúmulo de materiais redundantes, uma preocupação predominante em bibliotecas acadêmicas e universitárias (VERGUEIRO, 1993 apud PINHEIRO, 2017, p.

27-28). Pinheiro (2017) ainda afirma que o desenvolvimento de coleções deve representar a interação entre a biblioteca e o ambiente da universidade, as funções dessa sociedade, as pessoas que a constituem e os usuários das informações.

O desenvolvimento de coleções deve ser um processo planejado e orientado pela análise das necessidades de informação do usuário, apoiando, dentro da academia, os estudos de graduação e pós-graduação juntamente com as atividades de pesquisa da universidade (ADEYOMOYE, 2011; KASALU; OJIAMBO, 2012 apud PINHEIRO, 2017).

Johnson (2014 apud PINHEIRO, 2017, p. 27-28) indica que o desenvolvimento de coleções é:

Um processo reflexivo para formação de coleções em bibliotecas e abrange várias atividades, incluindo a seleção de materiais, elaboração da política, avaliação das necessidades da comunidade de usuários reais e potenciais, gestão do orçamento, identificação das necessidades da coleção, sensibilização e interação com a comunidade de usuários, planejamento para o compartilhamento de recursos e negociação dos contratos acerca dos recursos eletrônicos.

A Política de Desenvolvimento de Coleções é um documento escrito e formalizado que dá contorno necessário à tomada de decisão (TARUHN, 2017). Para Lemos (1987, apud TARUHN, 2007), este documento nada mais é que o conjunto de orientações, baseado em princípios genéricos e consensuais, que levam a ações encaminhadas a determinados fins, sendo que qualquer política deve atingir objetivos correspondentes às necessidades da comunidade, em seus diversos segmentos e interesses.

Uma Política de Desenvolvimento de Coleções bem sucedida, segundo o que foi publicado pelo Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo (1998 apud TARUHN, 2007, p. 11-12), deve conter os seguintes itens:

- Objetivos da instituição;
- Missão da biblioteca;
- Breve descrição da comunidade a que serve;
- Diretrizes de distribuição de verbas;
- Necessidades de crescimento e equilíbrio do acervo;
- Breve descrição e definição dos temas da coleção da biblioteca;
- Categorização da coleção;

- Prioridades de aquisição conforme níveis da coleção;
- Normas de acordos cooperativos.

Como observado por Leipnitz (2017) o movimento de migração dos acervos bibliográficos particulares ocorre em direção às instituições de nível superior, buscando auxiliar a pesquisa que as universidades podem explorar em diversos campos do conhecimento.

Vale lembrar que, no caso das bibliotecas particulares incorporadas às universidades, o alinhamento da biblioteca à missão da universidade é indispensável e manter-se como uma instituição central na sociedade é um desafio a ser enfrentado, ao passo que exerce uma função proativa nos processos de aprendizagem e na formação das pessoas dessa instituição na qual está inserida (PINHEIRO, 2017, p. 62; SHAFIQUE, 2011).

Entretanto, apesar de não terem sido identificados na literatura textos que tratam especificamente do assunto, pode-se inferir que o desenvolvimento da coleção em bibliotecas particulares se dá de acordo com as necessidades e interesses do proprietário da biblioteca e dos seus objetivos quanto à aquisição dos materiais. Se sua biblioteca está sendo desenvolvida com o objetivo de dar suporte às suas atividades acadêmicas e de pesquisa, o proprietário deverá adquirir documentos que estão sendo publicados com o objetivo de manter seu acervo atualizado com o que há de mais novo, ou adquirir documentos antigos caso esteja desenvolvendo pesquisas históricas ou retrospectivas. Poderá também adquirir livros clássicos, antigos na sua área de especialização, pois para se estudar um determinado assunto em profundidade é necessário estudar como o mesmo se desenvolveu ao longo do tempo.

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A corrente investigação se enquadra metodologicamente em uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, diferindo, segundo Oliveira (1997, p. 116), do método quantitativo principalmente por não usar dados estatísticos como ponto central do processo de exploração do problema.

Oliveira (1997, p. 117) sugere que as pesquisas que recorrem à abordagem qualitativa possuem a capacidade de poder relatar a complexidade de uma determinada hipótese ou problema; investigar a interação de certas variáveis; compreender e classificar processos dinâmicos testados por grupos sociais; apresentar contribuição no processo de mudança; criação ou formação de opiniões de determinados grupos e permitir a análise das particularidades dos comportamentos ou ações dos indivíduos.

A forma descritiva da pesquisa é evidenciada quando se torna um tipo de estudo que proporciona ao pesquisador alcançar uma melhor compreensão do comportamento de diversos fatores e elementos que motivam determinado fenômeno (OLIVEIRA, 1997, p. 118).

Gil (1991, p. 25) observa pesquisas que, embora definidas como descritivas a partir de seus objetivos acabam por proporcionar uma nova visão do problema, se encaixando também em pesquisas exploratórias. O caráter exploratório, em conformidade com o autor, se dá com o objetivo de permitir familiaridade com o problema de pesquisa mirando torná-lo nítido ou construir hipóteses. A principal finalidade é o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições.

A pesquisa exploratória normalmente envolve: levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes com a prática do problema pesquisado e a investigação de exemplos que “estimulem a compreensão” (SELLTIZ et al., 1967, p. 63 *apud* GIL, 1991, p. 25). A presente investigação vale-se da entrevista com especialista visando “menor interesse no entrevistado enquanto pessoa (como um todo) do que em sua capacidade de ser um especialista para um certo campo ou atividade” (FLICK, 2004, p. 104).

Portanto:

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo

assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. (GIL, 2008, p. 109)

Enquadra-se na entrevista do tipo informal, à luz de Gil (2008, p. 111), por possuir o mínimo de estrutura possível e se distingue de uma conversação simples por ter como objetivo a coleta de dados. Pretende-se com esse tipo de entrevista obter uma visão geral do problema pesquisado, assim como de algumas características do entrevistado.

O autor recomenda a entrevista informal para pesquisas exploratórias a fim de aproximar a visão do pesquisador do problema pesquisado, recorrendo a esse tipo de entrevista na busca por “informantes-chaves, que podem ser especialistas no tema em estudo, líderes formais ou informais, personalidades destacadas etc.” (GIL, 2008, p. 111).

A entrevista também possui viés focado no entrevistado uma vez que, além de concentrar-se em um tema específico, tem “o objetivo de explorar a fundo alguma experiência vivida em condições precisas.” (GIL, 2008, p. 112).

Após a realização das entrevistas, estas foram degravadas e transformadas em texto, que foi submetido à análise de conteúdo. Neste caso, a análise de conteúdo demonstra sua aplicabilidade quando assume ser um “conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 2009, p. 33). Bardin sugere que a análise de conteúdo de mensagens deve ser aplicável a todas as formas de comunicação existentes, seja qual for a natureza do seu suporte, e tem como uma de suas funções a administração de provas que seriam as “hipóteses sob a forma de questões ou de afirmações provisórias, servindo de diretrizes, apelo para o método de análise sistemática para serem verificadas no sentido de uma confirmação ou de uma informação” (BARDIN, 2009, p. 31).

A visão de Berelson (*apud* BARDIN, 2009, p. 38) interpreta a análise de conteúdo da seguinte forma: “uma técnica de investigação que através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações”.

Observa-se a disparidade de formas da análise de conteúdo e sua adaptabilidade a campos de aplicação vastos, como o da comunicação. Logo “qualquer comunicação, isto é, qualquer veículo de significados de um emissor para um receptor controlado ou não por este,

deveria poder ser escrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo.” (BARDIN, 2009, p. 34).

**Figura 7 - Domínios possíveis da aplicação da análise de conteúdo**

<i>Código e suporte</i>		<i>Quantidade de pessoas implicadas na comunicação</i>			
		<i>Uma pessoa «monólogo»</i>	<i>Comunicação dual «diálogo»</i>	<i>Grupo restrito</i>	<i>Comunicação de massa</i>
<u>LINGUÍSTICO</u>					
	Escrito	Agendas, maus pensamentos, congeminações, diários íntimos.	Cartas, respostas a questionários, a testes projectivos, trabalhos escolares.	Ordens de serviço numa empresa, todas as comunicações escritas trocadas dentro de um grupo.	Jornais, livros, anúncios publicitários, cartazes, literatura, textos jurídicos, panfletos
	Oral	Delírio do doente mental, sonhos.	Entrevistas e conversas de qualquer espécie.	Discussões, entrevistas, conversas de grupo de qualquer natureza.	Exposições, discursos, rádio, televisão, cinema, publicidade, discos.
<u>ICÓNICO (sinais, grafismos, imagens, fotografias, filmes, etc.).</u>		Garatujas mais ou menos automáticas, grafitos, sonhos.	Respostas aos testes projectivos, comunicação entre duas pessoas através da imagem.	Toda a comunicação icónica num pequeno grupo (p. ex.: símbolos icónicos numa sociedade secreta, numa casta...).	Sinais de trânsito, cinema, publicidade, pintura, cartazes, televisão.
<u>OUTROS CÓDIGOS SEMIÓTICOS (i.e., tudo o que não sendo linguístico pode ser portador de significações; ex.: música, código olfactivo, objectos diversos, comportamentos, espaço, tempo, sinais patológicos, etc.).</u>		Manifestações históricas da doença mental, posturas, gestos, tiques, dança, colecções de objectos.	Comunicação não verbal com destino a outrem (posturas, gestos, distância espacial, sinais olfactivos, manifestações emocionais, objectos quotidianos, vestuário, alojamento...), comportamentos diversos, tais como rituais e regras de cortesia.		Meio físico e simbólico: sinalização urbana, monumentos, arte...; mitos, estereótipos, instituições, elementos de cultura.

Fonte: BARDIN, 2009, p. 36.

É demonstrado na figura 7 que entrevistas e conversas de qualquer espécie (comunicação dual) é um domínio possível para a aplicação da análise de conteúdo. A análise de conteúdo, conforme Bardin (2009, p. 37), será dos significados (exemplo: a análise temática) e dos significantes (análise lexical e de procedimentos).

Esta pesquisa enquadra-se, também, como observação participante, à luz de Denzin (1989, p. 157-8), quando se torna uma estratégia de campo que liga, ao mesmo tempo, a análise de documentos, a entrevista de informantes, a atuação e a análise diretas e a introspecção. Pois:

O aspecto principal do método consiste no fato de o pesquisador mergulhar de cabeça no campo, de ele observar a partir de uma perspectiva de membro, mas também, de influenciar o que é observado graças à sua participação (FLICK, 2004, p. 152).

A observação participante também acontece quando existe “a participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada” (GIL, 2008, p. 103).

Perpassa por duas etapas sugeridas por Spradley (1980, p. 34):

- *observação descritiva*, no início, cuja finalidade é fornecer ao pesquisador uma direção para o campo em estudo, oferecendo descrições não específicas, servindo também para apreender a complexidade do campo, na medida do possível, ao mesmo tempo em que desenvolve questões de pesquisa e linhas de visão mais concretas; e
- *observação focal*, na qual a interpretação restringe progressivamente aqueles processos e problemas que forem os mais fundamentais para a questão de pesquisa.

Esta pesquisa tem portanto, uma natureza qualitativa, descritiva e exploratória, conforme especificado acima. Seu objeto é uma biblioteca particular específica, pertencente, no caso, ao professor Terrie Groth. Na coleta de dados foram utilizadas a entrevista semiestruturada e observação participante para a coleta de dados, a partir das quais foram realizadas as seguintes análises.

## 5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

De acordo com a metodologia adotada, são apresentados a seguir os dados a seguir mediante entrevista e observação, bem como sua análise e ações futuras.

### 5.1 ENTREVISTA

Foram realizadas duas entrevistas semiestruturadas, com duas bibliotecárias com experiência na organização de várias coleções particulares. Essas bibliotecárias são contratadas diretamente pelos proprietários dos acervos ou organizam acervos dos gabinetes de ministros de tribunais. As bibliotecárias foram identificadas por meio de indicação de professores e bibliotecários de órgãos federais localizados em Brasília.

A primeira entrevista foi realizada com a bibliotecária Marina Grande (Anexo A), no dia 24 de novembro de 2017, na Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da Universidade de Brasília (UnB), com duração aproximada de uma hora. A segunda entrevista foi realizada com a bibliotecária Maria Alice Bianchi (Anexo B), no dia 18 de janeiro de 2018, no Supremo Tribunal Federal (STF), com duração aproximada de 45 minutos.

Após as entrevistas, estas foram gravadas e os assuntos foram categorizados conforme Bardin (2009) tendo sido identificados seis temas: Foco no usuário/proprietário, Perfil do proprietário, Passo a passo da organização do acervo, Informatização do acervo, Estimativa de tempo de serviço e Biblioteconomia x Prestação de serviço.

#### 5.1.1 Foco no usuário/proprietário

Durante todo o processo das entrevistas, ficou claro que o profissional de informação precisa ter como foco para montar o acervo particular: o **usuário/proprietário**. Grande (2017) comenta que “[...] no caso você está montando uma biblioteca para um usuário que conhece a biblioteca dele. Não seria uma biblioteca para você, não é o seu conhecimento que vai valer. Não é uma CDD ou CDU que vai valer”. Neste caso o usuário do acervo foi também a pessoa que construiu a coleção, portanto a conhece em profundidade e foi adquirida por um determinado motivo.

Ela relata que há uma variedade de tipos de usuários/proprietários, com formações acadêmicas diferenciadas, áreas temáticas de cobertura dos acervos, tipos de materiais e tipos

de acervos particulares que foram construídos ao longo de suas experiências profissionais. Ela já teve diferentes tipos de clientes tais como:

Ministro do STJ, um homem formado em medicina e depois foi pra ciência política, uma pessoa que era formada em gastronomia fora do Brasil, acervo voltado para gastronomia, e essa gama de pessoas te dá vários caminhos a seguir. (GRANDE, 2017)

Alguns questionamentos iniciais em relação ao perfil da biblioteca particular são importantes como “entender quem você está atendendo, ou pra quem, ou qual o objetivo dessa pessoa” (GRANDE, 2017). A entrevistada exemplifica:

Um homem inteligente, com um acervo de 10.000 livros, um acervo amplo e com muitos assuntos. A especificidade dele é o direito. Ele diz “Marina, eu não quero etiqueta, vou olhar um monte de número, não faz sentido nenhum, eu quero uma coisa que eu bata o olho e veja.”. Nessa situação eu posso ter um sistema de cores, um sistema de abreviação. (GRANDE, 2017).

Como em qualquer biblioteca o usuário é o centro, é para ele que o acervo é construído e os serviços e produtos são planejados e realizados, nestes casos as características e necessidades do usuário são fundamentais. Entretanto, em bibliotecas particulares, constata-se que a pessoa que utilizará o acervo, o usuário, é, na maioria dos casos, o proprietário. Neste caso é fundamental refletir como será realizado o processo de organização desse acervo, pois deve fazer sentido para o usuário/proprietário, sem se utilizar necessariamente de técnicas biblioteconômicas, como por exemplo, um sistema de classificação existente e padronizado. Ela ainda reitera “O objetivo da pessoa acaba por delimitar todo o [...] trabalho” que será desenvolvido pelo bibliotecário (GRANDE, 2017).

Como exemplo, ela relata sua experiência com a organização do acervo do Ministro Herman Benjamin, no qual percebe-se claramente a necessidade de personalização voltada para o usuário/proprietário:

Tive uma experiência com o Ministro Herman Benjamin, ele negou o uso da CDDir. Ele como especialista em direito ambiental preferiu que o Direito Ambiental fosse esmiuçado. Dentro do direito ambiental ele queria determinados assuntos em determinada ordem. Para ele o que fazia sentido era aquilo. Então eu tive que desconstruir a CDDir e criar uma classificação baseada na CDDir, voltada para o usuário. (GRANDE, 2017)

Essas informações vão de encontro com o pensamento de Bianchi (2018):

[...] em uma organização de acervo particular é necessária essa comunicação com a pessoa. Em alguns momentos os usuários não saberão exatamente o que querem, mas nós como profissionais temos condições de tornar a escolha mais fácil.

Constata-se a necessidade de diálogo com o dono do acervo para conhecer seus desejos, características, área de especialização e de trabalho para extrair informação para identificar a melhor maneira de organizar o acervo.

Diante das exigências dos proprietários a profissional apresenta sugestões para guiar seu trabalho, porém o que vai ser considerado é o desejo do cliente: “já fiz muitos orçamentos e propostas e, dos serviços que realizei, cerca de 10% foram de propostas que eu fiz o resto você acaba tendo que se adaptar às exigências do cliente” (GRANDE, 2017).

### **5.1.2 Perfil do proprietário**

Grande (2017) declara que realizou a organização de aproximadamente 14 bibliotecas particulares. Ela descreve seus clientes como:

[...] estudiosos ou pessoas que trabalham no meio acadêmico. Pessoas que precisam de informação e referências o tempo inteiro. Nunca prestei serviços a pessoas que têm muitos livros, como um bibliófilo, por exemplo. (GRANDE, 2017)

Essa declaração evidencia que esses proprietários são pessoas que utilizam seus acervos particulares profissionalmente, não os tendo apenas por passatempo.

Bianchi (2018) apresenta um relato semelhante em relação ao perfil dos proprietários de acervos. Apesar de se inserir em uma realidade profissional diferente, pois suas experiências profissionais foram na organização dos acervos dos Ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), atividade prevista nas atribuições do órgão.

### **5.1.3 Passo a passo da organização do acervo**

Grande (2017) destaca a importância de conhecer o objetivo do usuário/proprietário em relação ao seu acervo no início do processo:

Sempre faço uma entrevista com a pessoa. O que eu pergunto na entrevista: qual o objetivo dela? ; Há quanto tempo ela tem o acervo? – para montar uma prospecção de quanto o acervo vai crescer em x tempo -; Se o acervo já atende as necessidades dela ou ela pretende aumentar? ; Quais os principais assuntos? ; Qual a área de formação da pessoa e como ela usa o acervo?

Perguntas pessoais também são feitas como: dia e horário disponíveis para realização do serviço; disponibilidade da pessoa para que o profissional possa tirar suas dúvidas etc. Assim como alguns procedimentos profissionais são esclarecidos: folha de ponto assinada por algum responsável; nada de valor no local de serviço etc. (GRANDE, 2017).

Partindo para o acervo deve-se observar o local de armazenamento dos livros, as estantes e as obras, se há obras para serem restauradas, a existência de outros suportes, línguas que o acervo possui etc. (GRANDE, 2017). A bibliotecária esclarece: “Na verdade o serviço é levantar uma biblioteca do começo, e o que se precisa observar para iniciar esse processo? Porém, tudo voltado para um usuário ou intuito” (GRANDE, 2017).

Posteriormente a essa análise geral das condições do acervo, caso exista algum serviço que o profissional não execute, a indicação de um profissional externo deve ser feita, cabendo ao usuário/proprietário decidir.

Há a necessidade de o serviço ser feito em todas as suas frentes, o cliente deve ter a segurança no profissional de forma que todos os problemas relativos ao acervo e a busca de uma informação possam ser sanados, mesmo que seja necessária a terceirização de alguns serviços. É necessário dar a solução, sendo opção do cliente solucionar ou não o problema referente ao seu acervo. (GRANDE, 2017)

Após essas considerações iniciais quanto às condições físicas do acervo, são verificadas e propostas as formas de trabalho: “Por exemplo: o cliente quer uma classificação? Quer um sistema de etiquetas? Muitos donos de acervos não sabem por onde começar, por isso é importante essa pró-atividade para dar opções” (GRANDE, 2017).

É importante que o profissional perceba ou consiga captar como a pessoa interage com seu acervo: por assunto, autor, tamanho etc., o entendimento do proprietário em relação ao acervo impacta diretamente em como o serviço será realizado (GRANDE, 2017).

Dessa forma, a descrição do objeto informacional em uma biblioteca particular se torna particularizado, sendo fora do comum e único, justamente por depender da maneira como o cliente entende e deseja essa descrição.

Em relação à manutenção geral, após a organização do acervo, Grande (2017) relata:

[...] é disponibilizado um manual, mas também há a opção de contato via email, por exemplo: ou a pessoa faz a manutenção ou ela me aciona para que seja feita [...]. Também, após o término da organização do acervo, 30 dias depois entro em contato com o cliente para qualquer tipo de manutenção, exemplo: manuais extras para funcionários, treinamentos para funcionário que executam algum tipo de serviço no acervo etc.

Neste caso, como são serviços de acréscimo estes serão cobrados separadamente, conforme previsão no contrato de prestação de serviço.

A metodologia de Bianchi (2018), juntamente com o STF, se diferencia já no início do processo: um documento formal foi produzido pela coordenadoria de biblioteca, juntamente com a sessão de processamento técnico, com a principal função de delimitar o desejo do usuário, determinando assim a organização que será adotada. Essa forma de trabalho é reflexo da subordinação da biblioteca ao órgão.

Eram dadas apenas duas opções, codificação numérica (com a CDD/CDDir) ou alfabética por assunto, pois era uma seção de processamento de livros da biblioteca institucional que escalava um bibliotecário para organizar os acervos juntamente com estagiários. Então se fosse feito de forma muito personalizada o serviço não seria tão fluido. (BIANCHI, 2018)

Em seguida inicia-se o processamento, unido ao *Sistema Acervo*, dos materiais com base nas opções selecionadas pelo usuário.

A ideia é organizar e treinar um funcionário do gabinete para continuar na manutenção do acervo. E fornecido manual do Sistema Acervo, para orientá-los na execução do trabalho, como por exemplo evitar ruídos na recuperação, que podem ser duas ou mais formas de entradas para um autor ou duas ou mais formas de entradas para uma editora. (BIANCHI, 2018)

Dessa forma, dependendo da disposição organizacional do gabinete, a manutenção é feita pelo funcionário, ou funcionários, definidos pelo gabinete ou se solicita os serviços da biblioteca novamente.

#### **5.1.4 Informatização do acervo**

Grande (2017) afirma que a informatização do acervo é um serviço variável, com pouca procura por parte dos proprietários, principalmente, por ser um serviço que demanda mais tempo.

[...] hoje em dia as pessoas estão optando por algo mais prático, um sistema de cores ou abreviações [...]. Mesmo com uma catalogação básica que muitas vezes acaba fugindo do Marc. Em muitos momentos se foge do padrão biblioteconômico para se optar por praticidade. (GRANDE, 2017)

Grande (2017) atribui essa demora maior com a informatização, também, por demandar maior conhecimento do acervo e dos assuntos nele contidos.

Quando há a necessidade de informatização do acervo, Grande (2017) indica o *software* Biblioteca Fácil, com anuidade paga pelo cliente de R\$ 249,00 e que possui suporte técnico e *backup*. “Ele é limitado no quesito técnico de biblioteconomia, porém possui uma boa aplicabilidade nessas situações, pois o usuário final não é uma pessoa que tem especialização” (GRANDE, 2017).

A informatização acontece principalmente quando o proprietário adquire obras com muita constância, o acervo é muito grande ou necessita de consulta remota (GRANDE, 2017).

Bianchi (2018) revela que a informatização é feita obrigatoriamente por um sistema restrito à intranet do STF denominado Sistema Acervo, que foi implantado por volta de 2009.

### **5.1.5 Estimativa de tempo de serviço**

A estimativa de tempo de serviço é variável dependendo da informatização ou não do acervo, a quantidade de objetos informacionais que serão analisados, especificidade do acervo etc. (GRANDE, 2017).

Considerando essas variáveis, Grande (2017) relata que já trabalhou: “em um acervo de direito com 1.000 itens com um tempo de cerca de seis meses e já trabalhei em acervo de 3.000 itens com assuntos mais generalizados com um tempo de três meses”.

As experiências relatadas por Bianchi (2018) foram mais precisas, pois ela possui uma estimativa de que, havendo estagiários, em quatro horas de serviço por dia seriam tratados de 15 a 20 livros, contando com o controle de qualidade. Recomenda que essa previsão deve ser informada aos proprietários.

Apesar de depender bastante de como e quando podíamos trabalhar, por exemplo: alguns gabinetes, podíamos trabalhar apenas um dia na semana, logo influenciava na duração do serviço. Quando se podiam transportar os livros para a seção a produção aumentava, desde que se tenha estagiários exclusivos para isso. Então a estimativa acaba sendo relativa. (BIANCHI, 2018)

### **5.1.6 Biblioteconomia x Prestação de Serviço**

A incongruência entre a técnica biblioteconômica e a prestação de um serviço especializado nasce no momento em que a organização de um acervo particular se torna um produto.

Nesse caso de prestação de serviço fica complicado você colocar problemas em relação ao que o cliente quer. A sua organização acaba por se tornar um produto. A explicação do benefício que o seu serviço vai trazer para a pessoa é essencial para a venda do seu produto. (GRANDE, 2017)

O custo e tempo requeridos por essa atividade têm relação com a especialidade do serviço. Nesse sentido, alguns problemas são enfrentados, como por exemplo, o cliente não entender o valor, o tempo demandado etc.

## 5.2 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

A Biblioteca Terrie Groth se localiza na Universidade de Brasília, prédio IPOL/IREL, Brasília, DF, de propriedade do Prof. Dr. Terrie Groth. O convite para a realização do serviço de organização do acervo particular do professor foi feito por uma aluna da Faculdade de Ciência da Informação que estava se retirando da atividade e buscava graduandos em Biblioteconomia para continuar o projeto. A atividade foi continuada por uma equipe formada por dois estudantes: Khalil Lessa e Ytallo Sobreiro de Souza.

No início do processo foi realizada uma entrevista com o professor e definidas as orientações a serem seguidas no tratamento do acervo. Apenas a primeira etapa da organização será apresentada no presente trabalho. Essa primeira etapa foi iniciada dia 22 de novembro de 2017 e finalizada dia 9 de janeiro de 2018.

Terrie Groth possui graduação pela *Southwest State University* (EUA, 1972), graduação em História pela Universidade de Las Americas (MEX, 1974) e doutorado em Ciência Política pela *University of California* (EUA, 1986). Trabalha como Professor Adjunto da Universidade de Brasília desde 1996; é Consultor “*ad-hoc*” da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco, da Associação Nacional de Pesquisa em Comportamento Político, da Revista Acadêmica *Crítica Marxista*, da Revista Acadêmica Quadrimestral *Latin American Perspectives*, da *Pacific Coast Council on Latin American Studies*, entre outras; possui vasta experiência na área de Ciência Política, com destaque em Política e Sociedade na América Latina. (BRASÍLIA, 2018).

O acervo possui duas finalidades: apoiar as atividades acadêmicas e profissionais do professor Groth e possivelmente no futuro, servir de amparo científico para alunos da pós-graduação. Sua composição, no momento, é de apenas periódicos científicos, com periodicidades variadas e em três línguas: espanhol, inglês e português. O acervo é

especializado em Ciência Política: política social, teorias da democracia, teorias do Estado contemporâneo, autoritarismo e democratização, educação política, engajamento cívico, política na América Latina, dentre outros. Estima-se que a biblioteca possua cerca de 800 itens, tendo em vista que sua contagem final ocorrerá na segunda etapa, de informatização do acervo. A ideia do professor é, mais tarde, incorporar seus livros ao acervo e informatizá-lo para que os processos de empréstimo sejam feitos aos alunos da pós-graduação e professores do departamento.

A fase inicial consistiu em:

- Limpeza

As estantes onde as revistas ficariam alocadas foram higienizadas com material cedido pelo proprietário do acervo. Foram utilizados espanadores, álcool, panos de algodão, luvas cirúrgicas, máscaras cirúrgicas, sacos de lixo e aventais para a realização dessa atividade.

- Retirada dos itens

Os objetos informacionais se encontravam em caixas de papelão em sua grande maioria danificadas e sujas, reunidas no piso do local. Essa condição era resultante de um processo de mudança de sala do professor.

- Distinção entre os materiais

Foram identificados: livros, cópias de livros, periódicos e documentos pessoais. Os livros e as cópias foram armazenados juntos em caixas identificadas com “Livros”, os documentos pessoais foram armazenados em caixas identificadas com “Docs” e os periódicos foram para as estantes serem organizados.

- Organização dos periódicos

Primeiramente, as revistas foram separadas por título, excluindo os artigos iniciais. Em seguida os periódicos foram organizados em ordem alfabética do título, sem nenhuma distinção de língua.

- Sinalização

O próximo e último passo dessa primeira fase foi fixar, em cada prateleira, o intervalo alfabético que aquela parcela de periódicos compreendia.

A segunda etapa da organização do acervo deverá ser realizada em abril de 2018, com a informatização da biblioteca para posteriores atividades como: consulta local e remota ao catálogo da biblioteca; e se a abertura para os alunos de pós-graduação for realizada a prestação de serviços como empréstimo, devolução e reserva de materiais bibliográficos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo possibilitou entender, de forma mais detalhada, as noções de biblioteca particular e seu histórico, a relação entre esses acervos particulares e sua especificidade, os perfis tanto do usuário quanto do acervo. A pesquisa participante possibilitou obter dados mais precisos sobre as etapas de uma experiência prática em organização de acervo particular, contando com o início da elaboração de uma coleção que, possivelmente, poderá ser informatizada no futuro.

De modo geral, os clientes desse tipo de serviço são pessoas que utilizam as informações contidas no seu acervo para assistir às atividades exercidas profissionalmente. Os acervos desses usuários são especializados, contendo apenas um conjunto de assuntos característicos voltados, em sua grande maioria, para as atividades profissionais dos mesmos.

A revisão de literatura evidenciou falta de consenso, imprecisão nos fatos relacionados ao início real da distinção entre uma coleção acumulada (coleccionismo) e uma coleção organizada (biblioteca particular), porém deixa clara a relação entre proprietário-acervo e a observação de uma função do acervo, seja ela profissional ou não. As definições de desenvolvimento de coleções dentro desse ambiente informacional específico são poucas e não apresentam exposições práticas dos processos inerentes. A revisão demonstra também que abrangência temática desse tipo de acervo é específica.

As entrevistas com as especialistas Marina Grande e Maria Alice Bianchi forneceram o conhecimento acumulado ao longo de suas experiências na organização de bibliotecas particulares. A partir destas entrevistas e da metodologia de análise de conteúdo aplicada, foram extraídos os temas, por meio dos quais foi construído um paralelo entre as metodologias de trabalho apresentadas pelas entrevistadas. A este resultado agregou-se a observação participante realizada no início de um processo real de organização de um acervo particular.

Dado o alto nível de personalização do serviço de organização de acervos particulares, a baixa produção científica e ausência de pesquisa na área, torna-se necessária a investigação quanto às atividades a serem desenvolvidas e quais parâmetros devem ser utilizados nessa atividade. Diante disso, recomenda-se que pesquisas posteriores possam analisar todo o processo de organização de uma biblioteca particular, tratando com maior profundidade, buscando respaldo na literatura e documentando cada etapa de forma a disponibilizar para a

comunidade bibliotecária e contribuir para o desenvolvimento e consolidação da literatura na área.

Nesse sentido, o presente estudo motiva e ampara não apenas profissionais da informação que eventualmente se deparem com a necessidade de exercer a função de bibliotecário particular, mas também para proprietários de acervos que pretendem e se sintam capazes de realizar essa atividade em seu acervo pessoal.

Diante disso, com base na pesquisa bibliográfica realizada, nas entrevistas com as especialistas Maria Alice Bianchi e Marina Grande e na observação participante realizada na Biblioteca Terrie Groth pode-se inferir que as diretrizes ou orientações para se organizar uma biblioteca particular são:

### **1. Conhecer o proprietário**

Integrante da fase inicial do processo de organização do acervo particular, a entrevista com o proprietário serve para delimitar com o que e como o profissional vai trabalhar. São as suas características e sua forma de compreender a área temática de sua especialidade é que vão determinar todo o processo de organização. Deve-se observar: o perfil do cliente; o perfil do acervo; como o conhecimento da área está estruturado na mente do cliente para ajudar a definir o tipo de classificação que será utilizada; a informatização ou não do acervo, dentre outras evidências e peculiaridades que podem impactar a organização. É importante destacar que o usuário/proprietário é o ponto central das diretrizes para determinar as ações do profissional. Assim, a etapa de entrevista com o proprietário é fundamental, para que o bibliotecário possa perceber as características do usuário.

### **2. Personalizar a organização**

Deve-se observar que a ideia central da organização de acervos particulares é o seu proprietário. Apesar das técnicas e métodos utilizados serem do âmbito da Ciência da Informação, a ordenação, configuração, disposição, classificação, etc. devem atender, necessariamente, ao usuário, ou seja, precisam ser personalizados ou customizados, adequando-os ao seu perfil. Assim sendo, a biblioteconomia precisa voltar-se para uma organização personalizada e especializada. Personalizada por ser de forma individual, ou seja,

atender àquele indivíduo especificamente, e especializada por se tratar de objetos informacionais voltados para uma área temática.

Possui três denominações que serão propostas neste estudo: **organização personalizada**, **organização personalizada semiestruturada** e **organização estruturada**, conforme apresentado na Figura 8.

A **organização personalizada** é aquela na qual, no momento da entrevista, os termos em relação à organização do acervo são apresentados pelo proprietário. Esses termos são sintetizados, segundo o conhecimento e competência do profissional da informação, em um método de trabalho agradável e eficiente para ambos, e aplicado no acervo após a estruturação de um planejamento. Método utilizado por Marina Grande (2018).

A construção e organização do acervo ocorrem juntamente com o proprietário, sendo que o conhecimento do bibliotecário se adéqua as necessidades do cliente. Utilizo como exemplo a situação exposta por Grande (2018) com o Ministro Herman Benjamin, onde o cliente negou o uso da CDDir e solicitou uma adaptação deste método de classificação voltado para a sua área, no caso o Direito Ambiental. Alia-se a técnica biblioteconômica com a personalização do serviço voltado para o usuário.

A **organização personalizada semiestruturada** possui estrutura parcialmente preestabelecida pelo profissional de organização com base em seu conhecimento e prática. No momento da entrevista é apresentado um documento com alternativas metodológicas de trabalho que o proprietário irá escolher uma alternativa. Método utilizado por Maria Alice Bianchi (2018).

Por exemplo, em relação à classificação, o documento pode apresentar três alternativas: Classificação Decimal de Dewey, Classificação Cromática e Classificação Alfabética. O usuário opta por uma de sua escolha, assim como em outros itens do documento relacionados a outros aspectos da organização do acervo.

Por fim, a **organização estruturada** delimita toda a forma de organização baseada nos conhecimentos do profissional e apresentada ao proprietário. Não possui maleabilidade, sendo uma estrutura rígida e não personalizada, útil para um cliente que não sabe claramente o que fazer, cabendo ao mesmo optar ou não pelo serviço.

Como exemplo: o profissional apresenta para o usuário, um projeto com a classificação baseada na Classificação Decimal Universal, utilizando-se do BibLivre como software para informatização e comparecendo quatro horas por dia, dois dias na semana para a realização do serviço na biblioteca particular. Sendo assim, o responsável pela organização

do acervo apresenta a organização de seu domínio e aguarda o proprietário decidir-se sobre a aplicação em sua biblioteca.

**Figura 8 - Tipologia de organização de bibliotecas particulares**



Fonte: elaboração própria a partir dos termos propostos no tópico 2. Personalizar a organização.

### 3. Reconhecer e adaptar o acervo

Apesar de ser um serviço especializado, cada cenário de organização particular pode apresentar uma realidade; em relação ao proprietário, ao acervo e à personalização. Dessa

forma, é determinante a capacidade de adaptação do profissional e de compreensão do acervo, buscando a melhor forma de aproximar a personalização do que pode ser efetuado na coleção. Deve ser examinado com o intuito de se adaptar, da melhor forma possível, às exigências do proprietário.

Essa orientação compreende também a higienização do espaço onde o acervo ficará e dos itens que compõem a coleção. Tendo em vista que muitas vezes a coleção fica sem movimento por muito tempo e sem manutenção durante esse período.

Outro aspecto de reconhecimento do acervo é a identificação de seus materiais como: CDs, DVDs, fita cassete ou VHS, disquetes, etc. A variedade de tipos de suporte influenciará diretamente na maneira como o acervo será organizado.

#### **4. Formalização dos serviços**

O registro documental determina a sustentação das atividades realizadas no acervo particular. Serve como registro, suporte para posteriores mudanças, reflexões sobre o acervo e amparo legal no caso da prestação de serviços autônomos.

Devem ser feitos manuais com o intuito de registrar a forma como o acervo funciona, bem como servir de amparo para possíveis manutenções feitas por não profissionais da área de ciência da informação.

É importante a formulação de um contrato com as atividades que serão feitas, os métodos utilizados, os horários e dias de trabalho, a duração do serviço, o preço (se houver) do serviço, etc.

## REFERÊNCIAS

- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION (ALA). **The ALA Glossary of Library and Information Science**. 2. ed. Chicago: American Library Association, 1983. 245 p.
- BATTLES, M.. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta, 2003.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, LDA, 2009.
- BEZERRA, F. O.; SILVA, A. K. A. J. A biblioteca particular e sua função social: um espaço de (in)formação de leitores. **Biblionline**, v. 4, n. 1/2, p. 0-0, 2008. Disponível em: <<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/v/a/9211>>. Acesso em: 27 out. 2017.
- BIANCHI, Maria Alice. Entrevista concedida a Khalil Lessa. Brasília, 11 jan. 2018. [A entrevista encontra-se transcrita no Anexo “B” desta monografia].
- BRASÍLIA. Instituto de Ciência Política. Universidade de Brasília. **Professor Terrie Ralph Groth**. 2018. Disponível em: <<http://ipol.unb.br/2012-04-02-18-21-41/2013-01-10-16-25-35/98-professores/232-professora-terrie-ralph-groth>>. Acesso em: 05 fev. 2018.
- CARIBÉ, Rita de Cássia do Vale. A biblioteca especializada e o seu papel na comunicação científica para o público leigo. **RICI: Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**. ISSN 1983-5213, Brasília, v. 10, n. 1, p. 185 -203, jan. /jul. 2017.
- \_\_\_\_\_. **Comunicação científica para o público leigo no Brasil**. 2011. 320f. 2011. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília. Brasília, 2011.
- \_\_\_\_\_. O papel da biblioteca como espaço de divulgação científica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 25, 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, FEBAB, 2013, Disponível em: <<http://portal.febab.org.br/anais/article/view/1545/1546>>. Acesso em: 15 set. 2017.
- CASARIN, Helen de Castro Silva. **A biblioteca da Fazenda Pinhal e o universo de leitura na passagem do século XIX para o século XX**. 2002. 252 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 2002.
- COSTA, Fernando Mustafá. **Bibliofilia: a eterna devoção aos livros**. 2009. 59 f. Tese (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- CUNHA, M. B. ; C. R. O. Cavalcanti . **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. 1. ed. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2008. 451p .
- DENZIN, N. K. **The research Act**. 3.ed. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1989.
- EBSCO. **Pesquisa com Operadores Booleanos**. EBSCO Help, 2017. Disponível em: <[https://help.ebsco.com/interfaces/EBSCOhost/Multilingual\\_FAQs/Pesquisa\\_com\\_Operadores\\_Booleanos](https://help.ebsco.com/interfaces/EBSCOhost/Multilingual_FAQs/Pesquisa_com_Operadores_Booleanos)>. Acesso em 08 nov. 2017.

FLICK, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo : Atlas, 1991.

\_\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRANDE, Marina. Entrevista concedida a Khalil Lessa. Brasília, 24 nov. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Anexo “A” desta monografia].

HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

JOBIM, José Luis. Por que é importante pesquisar a biblioteca pessoal de Machado de Assis? [on line] Disponível em <<http://www.unicamp.br/iel/histlist/jobim.html>>. - Acesso em: 20 nov 2017.

JURASEK, Sônia Regina Gonçalves. Pequeno Glossário de Termos Técnicos em Biblioteconomia e Documentação inglês – português 2. ed. rev., aum. e atual. Rio de Janeiro, DMF/RJ, SEDOC, Biblioteca, 1987. 142 p.

LEIPNITZ, Fernando. **Política de avaliação e seleção de doações em acervos particulares a serem incorporados às bibliotecas da Universidade Federal de Santa Maria, RS**. 2017. 202 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado)- Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), Santa Maria, RS, 2017.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção primeiros passos, 74).

MEAD, M. ‘Anthropology and the Camera’, In: W.D. Morgan (Ed.). **The Encyclopedia of Photography**. New York: Greystone, 1963. v. 1, p. 163-184.

MERRIAN-WEBSTER Online Dictionary. **BIBLIOPHILE**. Disponível em: <<http://www.merriam-webster.com/dictionary/bibliophile>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MIRANDA, A. C. C. **FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES EM BIBLIOTECAS ESPECIALIZADAS**. Inf. & Soc.:Est., João Pessoa, v.17, n.1, p.87-94, jan./abr., 2007.

OLIVEIRA, Silvio Luiz. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. São Paulo: Pioneira, 1997.

PINHEIRO, L. V. **O desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias na perspectiva dos desafios da pós-modernidade: diretrizes sob o olhar da teoria da complexidade e da análise do domínio**. 2017. 297 p. Tese (Doutorado em Biblioteconomia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/174452>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

REIFSCHNEIDER, Oto Dias Becker. **A Bibliofilia no Brasil**. 2011. 303 p. Monografia (Especialização) - Curso de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/10744?mode=simple>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

SHAFIQUE, Farzana; REHMAN, Ata-ur-; MUKHTAR, Sarwat. **A Private Library with Valuable Intellectual and Cultural Heritage: A Case of Masood Jhandeer Research Library**. Library Philosophy and Practice (e-journal). The Islamia University Of Bahawalpur, Pakistan. 2011. Disponível em: <<http://digitalcommons.unl.edu/libphilprac/669/>>. Acesso em: 03 out. 2017.

SPRADLEY, J. P. **Participant Observation**. New York: Rinehart and Winston, 1980.

TARUHN, R. **Desenvolvimento cooperativo de coleções de revistas científicas na Rede Brasileira de Informação em Ciências da Saúde**. 2007. 127 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)- Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=84033](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=84033)>. Acesso em: 24 nov. 2017.

VELLOSO, Ana Paula Meyer. **Bibliotecas particulares e dispositivos de leitura**. 2008. 165 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

VERGUEIRO, W.C.S. O futuro das bibliotecas e o desenvolvimento de coleções: perspectivas de atuação para uma realidade em efervescência. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 93-107, jan.jun. 1997.

VIAL, Andrea Dias. **O colecionismo no período entre guerras**: a contribuição da Sociedade de Etnografia e Folclore para a formação de coleções etnográficas. 2009. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-24112009-101512/pt-br.php>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

WEINFUTER, Sergio. **BIBLIOFILIA - COLEÇÃO DE LIVROS**. 2017. Site beBee producer. Disponível em: <<https://www.bee.com/producer/@sergio-weinfuter/bibliofilia-colecao-de-livros>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

## **APÊNDICE**

### **APÊNDICE A – Questionário utilizado na entrevista com especialista**

- 1. Explicando sobre o tema**
- 2. Como você começou sua jornada nesse tipo de serviço?**
- 3. Qual o quantitativo aproximado de bibliotecas particulares você já organizou?**
- 4. Quais são os passos que você segue na prestação do serviço de bibliotecário particular?**
- 5. Em relação à informatização do acervo e processamento técnico, qual a sua metodologia de trabalho?**
- 6. Quais os programas você recomenda ou já utilizou (pagos ou não) para o processamento técnico dos acervos?**
- 7. Em suas experiências você trabalhou sozinha?**
- 8. Você possui uma estimativa de tempo de serviço x serviço produzido?**
- 9. Quais tipos de problema você já enfrentou com essa atividade profissional?**

## ANEXO

### ANEXO A – Entrevista com a especialista Marina Grande

#### 1. Explicando sobre o tema.

Eu acho que você vai encontrar dificuldades, porque você está tratando de uma coisa chamada estudo de usuários. Aprendemos infinitamente e depois que saímos da academia vemos o que realmente é o estudo de usuários.

Nesse tipo de trabalho você tem muitos segmentos, no caso você está montando uma biblioteca para um usuário que conhece a biblioteca dele. Não seria uma biblioteca para você, não é o seu conhecimento que vai valer. Não é uma CDD ou CDU que vai valer. Isso é muito difícil de delimitar: que tipo de diretriz? Para que tipo de usuário você quer seguir?

Por exemplo: vou trabalhar com pessoas do direito, ou trabalhar com um escritório de advocacia, com ciência política, isso vai te dar uma abrangência grande. Já peguei pessoas muito aleatórias na minha trajetória trabalhando com acervo pessoal: Ministro do STJ, um homem formado em medicina que depois foi pra ciência política, uma pessoa que era formada em gastronomia fora do Brasil com acervo voltado para gastronomia, e essa gama de pessoas te dá vários caminhos a seguir.

Na minha opinião, o primeiro passo para a montagem de qualquer acervo é você entender: 1. Pra quem você está montando? ; 2. Qual o objetivo dessa pessoa? Porque já peguei muitos casos onde a pessoa não tinha interesse nenhum em informatizar o acervo. A pessoa queria uma ordem que fizesse um pouco de sentido na cabeça dela, ou seja, aplicar CDD, CDU ou qualquer coisa que fosse conhecimento específico biblioteconômico não adiantaria nada.

Então, o mais importante é isso, começar pelo estudo de usuário, é aí que você vai conseguir criar qualquer diretriz para qualquer coisa. Então é você entender quem você está atendendo, ou pra quem, ou qual o objetivo dessa pessoa, aí você consegue esmiuçar o que você tem que fazer.

Exemplo: Um homem inteligente, com um acervo de 10.000 livros, um acervo amplo e com muitos assuntos. A especificidade dele é o direito. Ele diz “Marina, eu não quero etiqueta, vou olhar um monte de número, não faz sentido nenhum, eu quero uma coisa que eu bata o olho e veja.”. Nessa situação eu posso ter um sistema de cores, um sistema de abreviação. Essa proposta que precisa ser feita é muito importante. E o problema de formar essas diretrizes é que você entra no padrão de prestação de serviço especializada. O objetivo da pessoa acaba por delimitar todo o seu trabalho.

Tive uma experiência com o Ministro Herman Benjamin, ele negou o uso da CDDir. Ele como especialista em direito ambiental preferiu que o Direito Ambiental fosse esmiuçado. Dentro do direito ambiental ele queria determinados assuntos em determinada ordem. Para ele o que fazia sentido era aquilo. Então eu tive que desconstruir a CDDir e criar uma classificação baseada na CDDir, voltada para o usuário. Nesse caso de prestação de serviço fica complicado você colocar problemas em relação ao que o cliente quer. A sua organização acaba por se tornar um produto. A explicação do benefício que o seu serviço vai trazer para a pessoa é essencial para a venda do seu produto.

Na minha experiência, já fiz muitos orçamentos e propostas e, dos serviços que realizei, cerca de 10% foram de propostas que eu fiz o resto você acaba tendo que se adaptar às exigências do cliente. As pessoas não entendem os problemas desse tipo de serviço, não entendem o valor, não entendem por que demora etc. As pessoas que contratam esse tipo de serviço querem um serviço especializado, sem entender realmente os nuances do serviço prestado.

Com os serviços prestados como bibliotecária em acervos pessoais eu descobri o serviço de *personal organizer*, uma profissão muito nova aqui no Brasil, com apenas 10 anos. Uma profissão que está aproveitando bastante do conhecimento de bibliotecários e arquivistas para organizar acervos e documentos, como grandes escritórios etc., usando nossa logística e conhecimento. É uma área que se mostra extremamente colaborativa pelo fato da demanda exceder a oferta desse serviço, por isso é comum nos comunicamos e oferecermos serviços de um profissional para outro. A questão de montagem de acervos pessoais é bem mais especializada que a atividade de *personal organizer* propriamente dita, pois esse profissional pode trabalhar em infinitas áreas de organização física.

## **2. Como você começou sua jornada nesse tipo de serviço?**

Por convite. No meu primeiro semestre eu já estagiava, surgiu a demanda da criação uma Biblioteca para Deficientes Visuais que hoje em dia não existe mais. A junção do pessoal do programa de portadores de necessidades especiais da UnB com o pessoal da pedagogia. Duas estagiárias de biblioteconomia e o resto graduandos de pedagogia. A biblioteca chegou a ser inaugurada, mas acabou não indo para frente por problemas internos e o posterior abandono do projeto.

Um escritório de advocacia onde trabalhei: escritório Veirano, não possuía bibliotecário e o acervo era todo em CDU, onde foi a minha primeira experiência sozinha para gerir uma biblioteca. Posteriormente a biblioteca da Escola das Nações, apenas eu e uma bibliotecária, me deu um *know how* ainda maior por possuir muitos tipos de serviço, como feira do livro, estruturação de trabalhos, busca de material, guia para utilização de computadores, contador de história etc – a parte administrativa da biblioteconomia muito presente. No STJ, onde acredito que adquiri muito conhecimento, o meu setor era responsável por locar os funcionários em gabinetes de ministros para organização dos acervos pessoais dos mesmos, nesse período a autonomia que me foi dada era semelhante a de um bibliotecário – o que me fez entender como realmente funciona uma política de acervamento.

### **3. Qual o quantitativo aproximado de bibliotecas particulares você já organizou?**

Acredito que eu tenha feito em torno de 14 bibliotecas. A maioria das pessoas que eu faço são estudiosos ou pessoas que trabalham no meio acadêmico. Pessoas que precisam de informação e referências o tempo inteiro. Nunca prestei serviços a pessoas que têm muitos livros, como um bibliófilo por exemplo. Por onde prestei os serviços os clientes iriam usar ou profissionalmente ou academicamente.

Tive a oportunidade de fazer um curso de organização digital com a profissional Gabriela Brasil, que inclusive trabalha no Vale do Silício. Posteriormente tive a oportunidade de organizar um acervo de fotografias digitais e de documentos de estudo para doutorado – recusado por falta de capacidade profissional específica minha para entregar algo perfeito.

### **4. Quais são os passos que você segue na prestação do serviço de bibliotecário particular?**

Sempre faço uma entrevista com a pessoa. O que eu pergunto na entrevista: qual o objetivo dela? ; Há quanto tempo ela tem o acervo? – para montar uma prospecção de quanto o acervo vai crescer em x tempo -; Se o acervo já atende as necessidades dela ou ela pretende aumentar? ; Quais os principais assuntos? ; Qual a área de formação da pessoa e como ela usa o acervo? ; Perguntas pessoais como qual o horário que ela deseja o serviço? ; Disponibilidade da pessoa para conseguir sanar dúvidas; Exigência de alguma pessoa na residência, por uma questão de ética profissional mesmo; e posteriormente passo para o acervo.

Também deixo claro alguns procedimentos profissionais próprios como: não levar bolsa pessoal para o acervo, olhar minha bolsa de trabalho ao sair, minha folha de ponto assinada por um responsável, nada de valor no local de serviço, etc. Sendo que todos os termos estão no contrato de prestação de serviço.

No acervo observo o local de armazenamento, as condições do local: Como estão as estantes, o espaço, as obras. Obras para serem restauradas, higienizadas, se é de interesse da pessoa fazer isso. Quantos mil livros serão trabalhados, qual a quantidade de outros suportes, como por exemplo, CDs, DVDs, Atlas, Mapas, dicionários, se é de interesse da pessoa organizar ou separar como referência. Quais as línguas que o acervo possui e se possui domínio da língua para realizar melhor o trabalho.

Na verdade o serviço é levantar uma biblioteca do começo, e que se precisa observar para iniciar esse processo? Porém, tudo voltado para um usuário ou intuito.

Em corporações você possui uma amplitude de usuários maior, mas o foco são os advogados, sênior, júnior etc., por mais que outros públicos, como os estagiários, utilizem mais, o foco não é essa modalidade de usuário; por terem uma rotatividade maior.

Em seguida analiso o acervo fisicamente e proponho terceirizações de serviços que não executo. Analisando as condições físicas do acervo, por exemplo, pode-se precisar de restauração, existem profissionais ou grupos deles que prestam esse serviço, por isso necessariamente devem ser indicados ao cliente.

Há a necessidade de o serviço ser feito em todas as suas frentes, o cliente deve ter a segurança no profissional de forma que todos os problemas relativos ao acervo e a busca de uma informação possam ser sanados, mesmo que seja necessária a terceirização de alguns

serviços. É necessário dar a solução, sendo opção de o cliente solucionar ou não o problema referente ao seu acervo.

Empresas podem ser indicadas ou profissionais autônomos da área, porém essas atividades perpassam mais pelo *business* do que o lado prático do acervo.

Diante disso, identificar esse perfil do acervo e do cliente e propor formas de trabalho, como por exemplo: o cliente quer uma classificação? Quer um sistema de etiquetas? ; Muitos donos de acervos não sabem por onde começar, por isso é importante essa pró-atividade para dar opções.

É muito importante também que o profissional entenda como a pessoa entende esse acervo. Se a pessoa separa por assunto, autor, tamanho de livro etc., porque a pessoa pode ter uma conexão visual com os livros dela, então isso precisa ser definido. Não adianta oferecer um serviço com o qual a pessoa não vai se identificar.

##### **5. Em relação à informatização do acervo e processamento técnico, qual a sua metodologia de trabalho?**

A informatização do serviço possui muitas variáveis. Faz algum tempo que não pratico a informatização de bibliotecas, hoje em dia as pessoas estão optando por algo mais prático, um sistema de cores ou abreviações, e muita gente não quer o sistema informatizado por demorar mais tempo. Mesmo com uma catalogação básica que muitas vezes acaba fugindo do Marc. Em muitos momentos se foge do padrão biblioteconômico para se optar por praticidade. Não seria, por exemplo, uma biblioteca universitária, onde o acervo é extremamente grande e com uma gama extensa de assuntos e muita rotatividade, demandando assim, uma técnica maior.

Na minha experiência com a profissional em gastronomia, por exemplo, ela queria apenas a parte de alimentação bem detalhada nos assuntos, no resto ela optou por uma classificação mais generalizada. Por isso é fundamental entender qual a relação a pessoa tem com o acervo dela, qual a utilidade do acervo dela.

É muito importante que durante esse processo haja um feedback dos clientes. Quando informatizo o acervo cobro por livro, quando não, cobro por hora. O processo de informatização demora, também, por necessitar de um conhecimento maior sobre os assuntos do acervo, pois a informatização está sendo feita para alguém que conhece daquele assunto.

## **6. Quais os programas você recomenda ou já utilizou (pagos ou não) para o processamento técnico dos acervos?**

Na época em que organizava os acervos particulares optei por um software que julguei prático, chamado “Biblioteca fácil”, ele é pago, com uma anuidade de R\$ 249,00 – sempre pago pelo cliente. Com suporte técnico e um backup. Ele é limitado no quesito técnico de biblioteconomia, porém possui uma boa aplicabilidade nessas situações, pois o usuário final não é uma pessoa que tem especialização.

Posteriormente à escolha do software, precisamos nos atentar à forma de explicação dessa ferramenta escolhida. Muitas vezes o cliente não quer funcionalidade, por não entender como a o programa será funcional para o acervo, mas sim praticidade. A junção de praticidade e funcionalidade num software num software se torna difícil, por isso muitas pessoas têm escolhido não ter software, apenas a organização física. O software acaba sendo mais utilizado em acervos cujos donos adquirem obras com muita constância, tem o acervo muito grande ou necessitam de uma consulta remota.

Sempre que a informatização acontece é no computador do cliente. Existem também aqueles clientes (em sua maioria bibliófilos) que sabem sobre o campo biblioteconômico e acabam por sugerir atividades. Por exemplo: prefiro CDU ou prefiro determinado software, por familiaridade etc.

Em relação a manutenção do acervo é disponibilizado um manual, mas também há a opção de contato via email, por exemplo: ou a pessoa faz a manutenção ou ela me aciona para que seja feita – devidamente preestabelecido em contrato e cobrado por hora ou por item, dependendo da situação. Também, após o término da organização do acervo, 30 dias depois entro em contato com o cliente para qualquer tipo de manutenção, exemplo: manuais extras para funcionários, treinamentos para funcionário que executam algum tipo de serviço no acervo etc., sendo estes serviços de acréscimo, ou seja, cobrados perante contrato.

## **7. Em suas experiências você trabalhou sozinha?**

No começo foi só, apesar de não ser uma experiência boa. Na época gostaria de ter contratado estagiários para otimizar o tempo, pois quando se trabalha sozinho – principalmente quando se informatiza o acervo - , demanda muito tempo. Sendo que uma equipe de 4 ou 5 pessoas durante 2 meses e terminar um acervo de 2 ou 3 mil livros.

Posteriormente ao curso de *personal organizer* que participei conheci outros profissionais, sendo que eles trabalham como ajudante por um sistema de pagamento de diárias.

**8. Você possui uma estimativa de tempo de serviço x serviço produzido?**

Possuo uma estimativa própria que varia em informatizar ou não informatizar o acervo. Algumas variáveis precisam ser observadas também, como quantos livros a pessoa tem, livros específicos ou não etc. Essa estimativa adquiri apenas depois de aproximadamente 4 ou 5 experiências com esse tipo de serviço.

Um número em específico não consigo dizer, pois depende das variáveis anteriormente citadas. Por exemplo: já trabalhei em um acervo de direito com 1.000 itens com um tempo de cerca de 6 meses e já trabalhei em acervo de 3.000 itens com assuntos mais generalizados com um tempo de 3 meses.

**9. Quais tipos de problema você já enfrentou com essa atividade profissional?**

O mais gratificante nessa profissão é a felicidade do cliente em observar que o acervo pós estruturação está sendo efetivo. Receber esses agradecimentos é muito bom. Visto que é uma qualidade de vida que nós profissionais da informação estamos oferecendo para o cliente, porém essa compreensão só vem com o trabalho finalizado. Logo, é uma atividade que é encarada com muita desconfiança a priori.

## **ANEXO B – Entrevista com a bibliotecária Maria Alice Bianchi**

Bibliotecária pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - 1980; Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais - 1991. Trabalha desde 2005 na Biblioteca do Supremo Tribunal Federal – STF.

### **1. Explicando sobre o tema.**

Sem resposta.

### **2. Como você começou sua jornada nesse tipo de serviço?**

Meu contato com esse tipo de serviço se deu por meio das atividades demandadas à Biblioteca do Supremo Tribunal Federal (STF), para assessorar os gabinetes dos ministros. Não só a biblioteca possui atribuição de assessorar os gabinetes, ela está descrita no Manual da Secretaria do Tribunal. No caso da coordenação de biblioteca, é organizar os acervos particulares dos ministros.

No início não existia um responsável específico, essas atividades eram executas por quem já tinha feito em algum momento. Existia um sistema, semelhante a um Word e um Excel, chamado MBIB, nada muito sofisticado. Funcionava.

Utiliza-se no tribunal a CDDir – Classificação Decimal de Direito, então se decidiu utilizá-la também nos acervos dos ministros. Para acervo particular, se eu pudesse escolher, não escolheria a CDU. A leitura do código precisa ser fácil, o usuário do acervo precisa entender aquele código. A recomendação na época era usar apenas os três primeiros dígitos da CDDir e as três primeiras letras do título, não se utilizava o Cutter. As impressões das etiquetas eram geradas por meio do MBIB.

Durante a execução da atividade eu não tive dúvidas da forma que estava sendo feita, tudo me parecia muito óbvio. Como não existiu nenhuma reclamação, continuou-se a fazer da mesma forma. Supõe-se que eles conseguiam recuperar as informações.

No segundo gabinete em que trabalhei, havia uma quantidade bem maior de livros do que no primeiro, trabalhei sozinha. Imagino que um gabinete divulgava para o outro esse tipo de serviço, pois a demanda foi aumentando. Também havia solicitações para que

organizássemos os acervos das residências dos ministros, nesses casos minha participação foi como assessora. A organização nas residências implicava a ida do bibliotecário até a residência do Ministro e a permanência lá por um número determinado de horas por semana.

Com o crescimento da demanda a esse tipo de serviço no tribunal foram observadas falhas na metodologia, como por exemplo, fazer a organização sem consultar o dono do acervo. Quando um novo Ministro veio para o Supremo, trouxe consigo o acervo que possuía em outro Tribunal, no qual existe também a organização de acervos particulares, porém com a utilização da CDU, e nesse Tribunal também sem a consulta ao dono do acervo. Ao solicitar a organização do seu acervo, esse Ministro pediu que não se utilizasse código número/decimal, pediu que fossem utilizadas cores. A organização desse gabinete foi assumida pela Coordenadora da Biblioteca e uma bibliotecária do processamento técnico. Eu não participei dessa atividade, apenas soube, mas essa situação resultou em mudanças na forma como era feito o serviço. Visto que esse Ministro pediu organização por cor, a bibliotecária do processamento sugeriu uma contraproposta, a organização alfabética, ela traduziu os números CDDir para os nomes dos assuntos, os sobrenomes dos autores passaram a ser colocados por extenso e não somente as três primeiras letras, como estava sendo feito, a primeira palavra do título também por extenso. Alguns gabinetes que souberam dessa simplificação, pediram reorganização de seus acervos. Os próximos ministros que foram ingressando STF, todos escolheram essa forma decodificada

Nesse meio tempo o MBIB foi trocado pelo Sistema Acervo, sem que nenhum bibliotecário tivesse sido envolvido no desenvolvimento desse Sistema. Um dia fomos avisados que o sistema para o tratamento dos acervos dos gabinetes dos ministros agora passaria a ser o Sistema Acervo, o qual, aliás, é melhor do que o MBIB. Não é um sistema que um bibliotecário escolheria, mas é o que temos. Esse sistema foi desenvolvido visando a organização de acervo de livros bem como a de documentos de arquivos.

Em um determinado momento um gabinete solicitou nossos serviços por não estar encontrando determinado livro. Eu fui a bibliotecária escalada para resolver o problema. Verifiquei que a organização do acervo estava correta, o que não estava funcionando naquele momento era o Sistema Acervo, uma falha momentânea que resultou em nova avaliação sobre a organização dos acervos. Essa ocasião foi a primeira em que tivemos a oportunidade de falar diretamente com o usuário que solicitou o serviço. Durante a conversa com o Ministro ele reclamou que não encontrava nada e mostrou-me livros do mesmo assunto que estavam

bem longe um do outro. Nesse momento eu percebi que a organização estritamente alfabética pode ser mais fácil para o usuário, mas dispersa os assuntos e há usuários que não gostam.

(Observa-se que nesse gabinete, nessa primeira organização, o Ministro não quis que se colocassem etiquetas nos livros, o que, ao meu ver, concorreu para dificultar a localização dos livros. Quando foi feita a reorganização do acervo ele permitiu que se colocassem etiquetas).

O problema foi levado à Coordenadora de Biblioteca, que resolveu formar uma equipe para esse tipo de serviço. A equipe composta por duas bibliotecárias, sendo eu uma delas, a outra aquela que pensou no sistema alfabético e por dois estagiários contratados para atuarem de forma exclusiva nesse tipo de serviço.

O que ocorreu com esse gabinete foi muito importante para repensarmos a forma como estávamos trabalhando. Vimos que precisávamos estruturar e documentar as nossas atividades. Embora o diálogo com o dono do acervo só tenha sido possível com esse gabinete a que já me referi, vimos que era necessário uma comunicação mais eficiente da nossa parte com quem havia solicitado o serviço, em geral, o chefe de gabinete. Nem sempre esses usuários sabiam o que queriam, cabia a nós, como profissionais, explicar as possibilidades com suas vantagens e desvantagens, e dessa forma, tornar a escolha mais fácil para eles. No acervo da biblioteca institucional temos autonomia para implementar os padrões de organização, porque são para muitas pessoas. Na escola aprendemos esse tipo de organização. Mas, para acervos particulares, quem estabelece o padrão, é o usuário. É claro que somos treinados para apresentar as alternativas possíveis de organização, mas a decisão final será do usuário, que é o nosso cliente.

**3. Qual o quantitativo aproximado de bibliotecas particulares você já organizou?**

Ativamente foram cinco gabinetes.

**4. Quais são os passos que você segue na prestação do serviço de bibliotecário particular?**

Com a criação da equipe, que a exceção dos estagiários, não era exclusiva para esse tipo de serviço, foram elaborados documentos para que o usuário pudesse escolher qual o tipo de organização, se a CDDir simplificada ou a alfabética. Assim, quando um gabinete nos

chamava, levávamos esse documento para explicarmos os tipos de organização e registrávamos a escolha do gabinete.

Em outubro de 2014 foi criada uma seção exclusiva para o processamento técnico, cujas atividades faziam parte da Seção de Gerência do Acervo. A organização dos acervos particulares passou a ser atribuição da Seção de Processamento Bibliográfico e não mais de uma equipe na qual uma bibliotecária era lotada em uma seção e a outra em seção diferente.

Em seguida o trabalho era iniciado, de acordo com a opção selecionada pelo gabinete e a utilização do Sistema Acervo.

A ideia é organizar e treinar um funcionário do gabinete para continuar na manutenção da organização do acervo. O gabinete recebia um manual para executar as tarefas. Alguns tipos de atividades não eram permitidas aos usuários, como entrada de novos autores, porque eles entravam de tantas formas como esses constavam nos livros. Também, a inclusão de editoras, só os bibliotecários poderiam incluir novas editoras no sistema.

**5. Em relação à informatização do acervo e processamento técnico, qual a sua metodologia de trabalho?**

No início era feito com esse sistema simples, chamado MBIB. Posteriormente o Sistema Acervo foi implantado, não consigo dizer ao certo a data específica, mas foi por volta de 2009 ou 2010 essa mudança. O acesso a esse sistema é feito pela intranet do STF

**6. Quais os programas você recomenda ou já utilizou (pagos ou não) para o processamento técnico dos acervos?**

Aqui é instituição, então esse sistema é obrigatório, porém se eu trabalhasse com esse tipo de serviço, de forma autônoma, eu utilizaria um software livre, como BibLivre ou algo semelhante.

**7. Em suas experiências você trabalhou sozinha?**

Nas duas primeiras oportunidades eu trabalhei sozinha, mas posteriormente com a contratação de estagiários se tornou mais fácil.

Minha experiência como bibliotecária encarregada de organizar acervos particulares foi somente nos gabinetes dos ministros do STF. Nunca trabalhei de forma autônoma.

**8. Você possui uma estimativa de tempo de serviço x serviço produzido?**

Não me lembro exatamente a estimativa, mas existia, pois precisávamos informar aos gabinetes um tempo, ainda que estimado, de duração do trabalho, o que dependia de como e quando podíamos trabalhar, por exemplo: em alguns gabinetes, podíamos trabalhar apenas um dia na semana, logo isso influenciava no tempo que levaríamos para executar o serviço. Quando se podiam transportar os livros para a seção a produção aumentava, contanto que tivéssemos estagiários exclusivos para isso. Porém, acredito que com estagiário, dava para ser feito cerca de 15 a 20 livros, 4 horas por dia com a supervisão dos bibliotecários.

**9. Quais tipos de problema você já enfrentou com essa atividade profissional?**

O problema que enfrentei foi decorrente da organização estritamente alfabética para aquela que compreendia a ordem alfabética dentro da ordem de assuntos, a qual pensamos em função da reclamação daquele gabinete que eu já mencionei. Por exemplo: Direito constitucional e os assuntos subordinados: controle de constitucionalidade, interpretação da constituição. Um gabinete estava organizado pela ordem estritamente alfabética. Quando eles mudaram de sala, eu não pensei na ordem em que estava organizado, fiz na ordem que vínhamos fazendo após a reclamação, de forma que não houvesse a dispersão dos assuntos, que estava sendo a preferida por todos. Pois esse gabinete não gostou da mudança. E foi falha da minha parte, de não perceber que eles estavam acostumados de um jeito, e se não haviam reclamado, para eles estava bom.